



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV**

**FRANCIÉLIO CORTEZ DE LIMA**

**A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE TÓXICA EM *OS BRUTOS*, DE**  
**JOSÉ BEZERRA GOMES**

**PATU**  
**2020**

FRANCIÉLIO CORTEZ DE LIMA

A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE TÓXICA EM *OS BRUTOS*, DE JOSÉ  
BEZERRA GOMES

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

PATU

2020

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732r    Lima, Franciélio Cortez de  
          A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE TÓXICA  
          EM OS BRUTOS, DE JOSÉ BEZERRA GOMES. /  
          Franciélio Cortez de Lima. - Patu, 2020.  
          47p.

          Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Maria Karoliny Lima de  
          Oliveira.

          Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
          Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
          Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

          1. Romance de 30. 2. Literatura Potiguar. 3.  
          Masculinidade tóxica. I. Oliveira, Maria Karoliny Lima de.  
          II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.  
          Título.

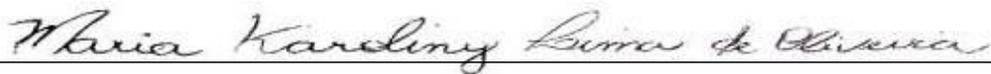
FRANCIÉLIO CORTEZ DE LIMA

A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE TÓXICA EM OS *BRUTOS*,  
DE JOSÉ BEZERRA GOMES

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: 07 / 12 / 2020.

Banca Examinadora



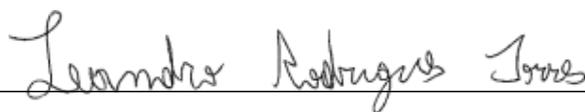
---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Beatriz Pazini Ferreira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico este trabalho aos meus pais, por todos os sacrifícios (que não foram poucos) que eles fizeram para que eu chegasse até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois, por meio da Sua grandiosa graça em Cristo Jesus, me deu o dom da vida. A Deus, toda Honra e toda Glória!

Ao meu pai, o senhor Francisco Cortez de Lima, meu incentivador maior, por acreditar que a educação é a melhor e a maior herança que um pai pode dar a um filho. Pois, mesmo tendo poucos recursos, sem hesitar, nunca deixou faltar nada, contribuindo significativamente na minha formação pessoal e acadêmica.

À minha mãe, a senhora Maria Guilhermina Neta de Lima, pelos seus cuidados e por ser um exemplo de boa mãe e esposa. Logo, assim como meu pai, ela tem contribuído grandemente na minha formação pessoal e profissional.

À minha tia, a senhora Maria das Dores de Lima (Titia), por muitas vezes ter sido como um anjo provedor para minha casa.

Aos meus irmãos, Franciélisom Lima (Léo) e Luana Lima, por fazerem parte da minha vida e por contribuírem direta e indiretamente na minha formação.

Também agradeço ao *Campus* Avançado de Patu (CAP), por me receber e me permitir alcançar o objetivo de todo aluno graduando: a formatura. Obrigado a todos os meus professores, inclusive os de outros departamentos.

Agradeço a minha orientadora, a Professora Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira, por acreditar em mim e no meu projeto, muito obrigado!

Agradeço a minha Professora, Ma. Beatriz Pazini Ferreira, por aceitar fazer parte da minha banca e também pelo seu profissionalismo e serenidade ao ministrar suas aulas, muito obrigado!

Ao professor Me. Leandro Rodrigues Torres por também fazer parte da minha banca e por me apresentar a obra *Os Brutos*, muito obrigado!

Agradeço aos meus amigos e colegas, Felipe Oliveira e Ana Cláudia Bezerra (Aninha), pelo companheirismo e amizade. Obrigado por fazerem parte da minha caminhada acadêmica, pelos trabalhos apresentados e todos os bons momentos que vivemos no Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal (NAESU, antigo Núcleo ligado ao *Campus* Avançado de Pau dos Ferros - CAPF). Em nome de Ana Cláudia Bezerra e de Felipe Oliveira, agradeço a todos os meus antigos colegas da turma de Letras Língua Portuguesa/Inglesa do CAPF/NAESU, muito obrigado!

Agradeço a todos os meus antigos professores do CAPF/NAESU, na pessoa do Professor Dr. Ivaldo Oliveira dos Santos Filho (*in memoriam*) por me iniciar na vida acadêmica.

Também agradeço a todos os meus atuais colegas do 8º período do curso de Letras Língua Portuguesa do CAP, na pessoa de Noemia Neta, minha amiga que me ajudou com o *ABSTRACT*, muito obrigado!

À turma de pedagogia, nas pessoas de Bruna Gomes, Thábita Soares, Gabi Oliveira e Katiene Oliveira. Muito obrigado por me acolherem!

À Vanessa Moraes e a Kamilly Silva, pela amizade e por deixar os meus dias mais leves. A vocês meu abraço fraterno!

“Naquela casa eu era a única pessoa que se orgulhava de tio Lívio e tinha vontade de crescer, de ser homem, só para ser como ele: ter muitos filhos apanhados e muitas mulheres da vida.”

*Os Brutos*, José Bezerra Gomes.

## RESUMO

A forma de organização da sociedade ocidental, pautada pela ordem do patriarcalismo, produz a minoração e exclusão de mulheres. Desigualdade de direitos e oportunidades, proibições, limitações e diversas formas de violência são acontecimentos recorrentes para aquelas que estão inseridas na dinâmica sociocultural do Ocidente. O machismo enraizado na maior parte da população revela o poder centrado na figura masculina, que exerce controle sobre todos aqueles que não se encaixam no padrão dominante, sejam mulheres ou até mesmo homens que não se adequam ao perfil do *cabra-macho*. Deste modo, a seguinte pesquisa intenta analisar a representação da masculinidade tóxica na obra *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, de modo a refletir sobre os aspectos sociais presentes na narrativa, a partir da análise dos comportamentos e da caracterização das personagens Sigismundo e do Sacristão Seu João. Para isso, o aporte teórico serviu de base para refletir e argumentar acerca das questões latentes que o texto escolhido sugere a respeito da temática. Apareceram, ao longo do texto, teóricos como Antonio Candido (1989) tratando da Revolução de 1930 e da cultura; João Luiz Lafetá (1974) sobre o *projeto estético* e o *projeto ideológico* do Modernismo brasileiro no decênio de 30; Vera Lúcia de Oliveira (2002) discutindo sobre os autores regionalistas e a literatura de 30; Gurgel (2003) acerca do modernismo potiguar. Sobre a masculinidade e a agonia da masculinidade em José Bezerra Gomes, Furtado (2010; 2018) faz importantes esclarecimentos; Raí Carlos Marques de Paula e Fátima Niemeyer da Rocha (2019) apresentam os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo; Albuquerque Jr. (2003) disserta sobre o homem nordestino; Medeiros (2015) analisa a obra em questão, tratando das desigualdades representadas no romance; entre outros estudos que ajudaram a discorrer sobre a problemática representada em *Os Brutos*. Assim, foi possível concluir que a trama nos mostra uma sociedade patriarcal que inferioriza mulheres e crianças, a partir da lógica da masculinidade como sinônimo de superioridade, na qual reforça um ciclo vicioso que vai do opressor para o oprimido e do oprimido para o opressor, e passado de geração a geração.

**Palavras-chave:** Romance de 30. Literatura Potiguar. Masculinidade tóxica.

## ABSTRACT

Nowadays, the form of organization of Western society, guided by the patriarchal order, produces the reduction and exclusion of women. Inequality of rights and opportunities, prohibitions, limitations and various forms of violence are recurrent events for those who are inserted in the sociocultural dynamics of the West. The sexism rooted in most of the population reveals the power centered on the male figure, who exercises control over all those who do not fit the dominant pattern, whether women or even men who do not fit the profile of *cabra-macho* (Brazilian expression for strong man). Thus, the following research attempts to analyze the representation of toxic masculinity in the work *Os Brutos*, by José Bezerra Gomes, in order to reflect on the social aspects present in the narrative, from the analysis of the behaviors and characterization of the characters Sigismundo and Sacristan Seu João. For this, the theoretical contribution served as a basis to reflect and argue about the latent questions that the chosen text suggests regarding the theme. Theorists such as Antonio Candido (1989) supports the discussion throughout the text, dealing with the 1930 Revolution and culture; João Luiz Lafeté (1974) on the aesthetic and ideological project of Brazilian Modernism in the 1930s; Vera Lúcia de Oliveira (2002) discussing regionalist authors and the literature of 30s; Gurgel (2003) about modernism in Rio Grande do Norte State (“*Potiguar*” modernism). About masculinity and the agony of masculinity in José Bezerra Gomes, Furtado (2010; 2018) makes important clarifications; Raí Carlos Marques de Paula and Fátima Niemeyer da Rocha (2019) present the impacts of toxic masculinity on the well-being of contemporary men. Albuquerque Jr. (2003) talks about the Brazilian Northeastern man; Medeiros (2015) analyzes the work in question, addressing the inequalities represented in the novel; among other studies that helped to discuss the problematic represented in *Os Brutos*. Thus, it was possible to conclude that the plot shows us a patriarchal society that diminishes women and children, from the logic of masculinity as a synonym of superiority, in which it reinforces a vicious cycle that goes from the oppressor to the oppressed and from the oppressed to the oppressor, and transmitted from generation to generation.

**Keywords:** Brazilian Novel of the 30s. “Potiguar” Literature. Toxic masculinity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE REGIONAL E A LITERATURA POTIGUAR.....</b>	<b>14</b>
2.1 O romance de 30.....	14
2.2 Literatura potiguar .....	19
2.3 Aspectos biográficos do autor .....	23
<b>3 A MASCULINIDADE TÓXICA NA OBRA <i>OS BRUTOS</i> .....</b>	<b>26</b>
3.1 Sobre a masculinidade tóxica.....	26
3.2 <i>Os Brutos</i> e os aspectos sociais.....	29
3.3 Sigismundo e o Sacristão seu João.....	35
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Nordeste, apesar do estereótipo de pobreza e miséria, tem um grande potencial turístico, musical, gastronômico, artesanal, literário e muito mais, sendo tema de vários documentários, estudos, filmes e romances. As danças e ritmos típicos como o Forró, o Baião, o Axé, as quadrilhas e pratos, como a Buchada de bode, Tapioca, além da famosa literatura de cordel, festas juninas e uma infinidade de outras coisas, fazem desta parte do Brasil única.

Na literatura nacional, o Nordeste também se destaca e é muito bem representado por meio de escritores como Ariano Suassuna, escritor paraibano de *O Auto da Compadecida* (1955); Hermilo Borba Filho, grande defensor da literatura e cultura popular que, juntamente com Ariano Suassuna, fundaram o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), em 1946 e o Teatro Popular do Nordeste (TPN), em 1958; Além de Gilberto Freyre, Aluísio Azevedo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Vladimir Souza Carvalho, Graciliano Ramos e Carlos Castello Branco.

Nas terras Potiguares, temos a escritora Madalena Antunes, que escreveu *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (1958) e também o objeto desta pesquisa, José Bezerra Gomes, um dos representantes da ficção regionalista do Rio Grande do Norte, que escreveu *Os Brutos* (1938), *Por Que Não se Casa Doutor?* (1944), *A Porta e o Vento* (1974) e *Antologia Poética* (1975).

Do sítio Brejuí, na cidade de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte, José Bezerra Gomes constrói a narrativa *Os Brutos*, trazendo o cenário regional e críticas sociais pertinentes e, ainda hoje, urgentes. Seus personagens masculinos estão sempre em conflito com a masculinidade tida como aceitável, padrão, normal, e o romance regionalista em análise coloca em cena essa problemática.

O imaginário coletivo ocidental é, por vezes, falocêntrico. Internalizada e imposta à ideia de superioridade masculina, a estrutura lógica tende a manifestar pensamentos e comportamentos, muitas vezes, machistas, mesmo que inconscientemente. Tudo que foge do modelo universalizado é visto de forma negativa: mulheres e comunidade LGBTQIA+.

Diante disso, a supremacia masculina detém o poder e dissemina conceitos e valores machistas que, internalizados por grande parte da sociedade patriarcal durante anos, ainda se mantêm presente, apesar das lutas feministas constantes contra ideologias consideradas tóxicas e prejudiciais à vida da minoria que luta por igualdade de gênero, por uma sociedade mais livre de preconceitos.

Ao comportamento destrutivo, as falas e atitudes machistas de alguns homens em relação ao sexo feminino ou até mesmo ao indivíduo do sexo masculino que não se enquadra no padrão *cabra-macho*, dá-se o nome de masculinidade tóxica<sup>1</sup>. Embora essa nomenclatura (assim como nova masculinidade, masculinidade frágil) seja relativamente nova, o comportamento abusivo e, em muitos casos, violento, praticado pelo sujeito considerado macho, sempre fizeram parte das mais variadas sociedades.

É possível encontrar a representação da chamada masculinidade tóxica em obras literárias nacionais e estrangeiras. Um exemplo de obra literária que traz essa temática é o próprio objeto de estudo *Os Brutos*. Ressaltamos que o termo masculinidade tóxica não aparece no romance analisado, pois trata-se de um termo contemporâneo e o livro foi publicado em 1938, porém, com base na análise de alguns personagens do romance, associa-se os comportamentos e falas machistas ao tema Masculinidade tóxica. Nisso, surge uma inquietação: Como a masculinidade tóxica é representada na obra *Os Brutos*? E, como aspectos sociais estão presentes no texto?

Na tentativa de solucionar essa problemática, a presente pesquisa monográfica se objetivou a analisar a representação da masculinidade tóxica na obra *Os Brutos* e, para atingir esse objetivo norteador, precisou, de início, apresentar o tema masculinidade tóxica e investigar como o romance em questão reflete aspectos sociais, tanto em sua forma como em seu conteúdo. Para isso, foi preciso analisar o comportamento e a caracterização das personagens Sigismundo e do Sacristão Seu João.

A masculinidade tóxica é um tema atual que tem despertado o interesse de pesquisadores, universidades e instituições de diferentes áreas. Por ser uma temática relativamente nova, existem no Brasil e, principalmente, no estado do Rio Grande do Norte, poucos trabalhos acadêmicos, daí a importância de mais pesquisas como esta que, além do seu valor científico (como fonte de informações), poderá contribuir para a conscientização da sociedade/leitor e, conseqüentemente, na formação de um pensamento crítico em relação ao comportamento (muitas vezes agressivo, tóxico) do sujeito heterossexual na sociedade contemporânea.

O trabalho teve como base o levantamento e revisão bibliográfica, a fim de recolher e analisar informações sobre as teorias que cercam o tema proposto, a partir de materiais publicados em livros, artigos, periódicos, dissertações e teses. Realizamos a leitura do romance, a saber, *Os Brutos*, identificando cenas e problematizações que dialogassem com o

---

<sup>1</sup> Fonte: Geledés Instituto da Mulher Negra.

tema. A partir daí foram feitas leituras sistemáticas da bibliografia, ou seja, fichamentos da literatura especializada sobre o tema em questão, sintetizando criteriosamente o material selecionado, com base na crítica sociológica de cunho feminista e estudos da narrativa.

Esse trabalho foi organizado basicamente em quatro capítulos/seções: Aqui, na introdução, obra e autor são apresentados, assim como a justificativa para realização desta pesquisa, os objetivos gerais e específicos desejados e a metodologia utilizada, isto é, a organização do trabalho e o método de abordagem.

No segundo capítulo, apresentamos a literatura brasileira regionalista da década de 30 e a literatura potiguar como um dos aspectos da literatura modernista brasileira, além de resgatar a história da arte literária do Estado do Rio Grande do Norte (pelo menos em parte), o que ajudou na compreensão e contextualização do trabalho. Há também uma breve descrição dos aspectos biográficos do autor estudado, de modo a relacionar com o romance regionalista e abrindo caminho para a discussão proposta. Nesta parte foi utilizado o ensaio *A Revolução de 1930 e a cultura* (1989), de Antonio Candido; o capítulo *Modernismo: projeto estético e ideológico*, do livro *1930: a crítica e o modernismo*, de João Luiz Lafetá (1974); o capítulo *Modernismo: cosmopolitismo e nacionalismo*, que compõe o livro *Poesia, mito e história do Modernismo brasileiro* (2002), de Vera Lúcia de Oliveira e o trabalho *Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte* (2003), de Tarcísio Gurgel.

No terceiro capítulo, analisamos a masculinidade tóxica dentro da obra *Os Brutos*, a partir dos trabalhos de Furtado (2010; 2018); Raí Carlos Marques de Paula e Fátima Niemeyer da Rocha (2019); Albuquerque Jr. (2003), Medeiros (2015) e outros. Este referencial teórico contribuiu com a leitura da masculinidade tóxica representada no livro *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, dando fundamentação necessária para investigar e responder aos problemas propostos com foco na análise dos comportamentos e caracterização das personagens Sigismundo e do Sacristão Seu João.

E, por fim, nas considerações finais, retomamos o objetivo principal deste trabalho e ressaltamos como pode contribuir academicamente para futuros trabalhos; a importância da reflexão realizada por intermédio deste estudo e as conclusões pessoais, sociais e acadêmicas tiradas a partir do desenvolvimento da pesquisa.

Assim, teoria e objeto literário se aliam e trazem à tona questões problematizadoras do seu tempo, mas que ainda dizem respeito ao nosso tempo. Portanto, o objeto de estudo entra em diálogo com o contexto sociocultural em que estamos inseridos e reflete, através da sua ficção, sobre comportamentos rígidos, tóxicos, violentos, que partem de uma masculinidade que se quer dominante, controladora e imutável. Característica doentia que

exige uma resposta, um movimento, um levante da sociedade e do meio artístico que se faz revolucionário.

A partir da pesquisa, foi possível concluir que a opressão exercida nos homens, com intuito de construir uma masculinidade, interfere nas relações sociais como um todo, logo as crianças são alvos fáceis, assim como as mulheres, que também acabam reproduzindo os padrões sociais que se apresentam de modo tóxico e violento. As ideologias repercutem-se em cada geração, havendo poucos desvios, já que a sociedade internaliza, talvez forçadamente, talvez por enxergar com naturalidade determinados comportamentos, já que eles moldam as visões de mundo de vários grupos e territórios, como foi o caso de *tia Maria* no romance analisado.

José Bezerra Gomes, por meio de seu texto, consegue apresentar e dar visibilidade a esses comportamentos que muitas vezes não passam por um processo de reflexão, daí a aceitação natural de atitudes machistas e agressivas em sociedade. Foi possível notar que há um ciclo vicioso que mantém essa opressão cada vez mais viva, mesmo que nem todos estejam de acordo com ela. Através dos personagens Seu Tota, que oprime Seu Doca, que oprime D. Mocinha; O professor Cícero, que oprime Sigismundo; O Sacristão seu João, que cedeu às opressões e fez o que a sociedade lhe cobrava: provar sua masculinidade. Todos esses personagens mostraram a força dessa masculinidade instituída, que faz com que cada um deles só reforce os padrões destrutivos, erguendo, assim, uma crítica social que se fazia e ainda se faz urgente.

Espera-se que a discussão possa fomentar o debate em torno do tema e do objeto de estudo, e contribuir com a formação de pensamentos críticos e reflexivos necessários a cada contexto, assim como prestigiar a força que tem o texto literário que se expande para além do seu campo de origem e emerge trabalhos desta natureza.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE REGIONAL E A LITERATURA POTIGUAR

### 2.1 O Romance de 30

A década de 30 foi de engajamento político, social e religioso no campo da cultura e da arte, marcada por fortes transformações na proposta inicial formulada pelo grupo de artistas da Semana de Arte Moderna de 1922. Segundo Antonio Candido (1989, p. 185), verifica-se, na literatura, uma atualização daquilo que foi definido nos anos 20, como o enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica; a aceitação (in)consciente das inovações formais e temáticas; o alargamento das "literaturas regionais" à escala nacional e a polarização ideológica.

Candido (1989), inda nos diz que as inovações formais e temáticas do Modernismo incorporam-se em dois níveis, sendo eles o nível específico, no qual a fisionomia da obra era alterada e o nível genérico, o qual estimulava a rejeição aos velhos padrões. Com isto, em 1930, o inconformismo e o anticonvencionalismo se tornaram um direito, e não uma transgressão. Já na poesia, assumindo uma postura mais libertadora, os poetas entraram com versos livres e a livre utilização dos metros, ajustando-se ao antissentimentalismo e antiênfase.

Houve, em 1930, um laço forte entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas, visibilizando as literaturas regionais. Para Candido (1989), foi positiva a repercussão do movimento revolucionário de 1930 na cultura. Depois desse período, uma nova mentalidade, mais democrática a respeito da cultura, ainda que limitadamente, mais consciente das contradições da própria sociedade, revolucionou o imaginário coletivo da sociedade brasileira. Como consequência, Candido (1989) destaca o conceito de intelectual e artista como opositores da ordem estabelecida, com uma posição crítica em relação aos regimes autoritários e mentalidade conservadora.

Candido (1989) ainda ressalta que

a preocupação absorvente com os "problemas" (da mente, da alma, da sociedade) levou muitas vezes a certo desdém pela elaboração formal, o que foi negativo. Posto em absoluto primeiro plano, o "problema" podia relegar para segundo a sua organização estética, e é o que sentimos lendo muitos escritores da época. Chega-se a pensar que para eles não era necessário, e talvez até fosse prejudicial, fundir de maneira válida a "matéria" com os requisitos da "fatura", pois esta poderia atrapalhar

eventualmente o impacto humano da outra (quando na verdade é a sua condição) (CANDIDO, 1989, p. 196).

Vários escritores deste período já não estavam mais preocupados com a elaboração e experimentação formais, a ênfase era dada apenas às questões sociais e problemáticas que queriam “revelar” ao mundo. Cândido cita como exemplo a obra de Jorge Amado, *Cacau* (1933), e o romance *Safra* (1937), de Abguar Bastos, destacando problemas na elaboração literária. Esta atitude reflete a passagem do *projeto estético* ao *projeto ideológico* do Modernismo Brasileiro no decênio de 30, contrastando a posição dos modernistas do decênio de 1920.

Lafetá (1974), define como *projeto estético* as modificações operadas na linguagem, e o *projeto ideológico* como os pensamentos (visões de mundo) de sua época. O crítico explica que

na verdade o *projeto estético*, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu *projeto ideológico*. O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão-de-mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade) investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo. (LAFETÁ, 1974, p. 11-12)

Os projetos estético e ideológico mantêm uma relação estreita e íntima. O contexto de 30 acrescenta ao modernismo um teor político. Lafetá (1974) destaca que esse período é marcado por uma intensa luta ideológica no mundo inteiro: disputa entre o comunismo, nazismo, fascismo, socialismo e liberalismo; expansão do imperialismo, consolidação do capitalismo monopolista. A consciência de classe habita em todos os lugares, inclusive na literatura, causando transformações literárias e sociais importantes.

Enquanto que na *fase heroica* do modernismo enfatizava-se o projeto estético, ou seja, o experimentalismo com a linguagem, na segunda (anos 30), predomina o projeto ideológico, isto é, a discussão da função da literatura, o papel do escritor, a ligação entre ideologia e arte.

“A politização” dos anos trinta descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Não se trata mais, nesse instante, de “ajustar” o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformar ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente, para além (ou para aquém...) da posição burguesa [...] (LAFETÁ, 1974, p. 18-19)

Lafetá (1974), na citação acima, destaca que neste processo de politização, há um quase esquecimento da proposta inicial e essencial do Modernismo: a ruptura com a linguagem, a criação de novos códigos, a atitude de abertura e autorreflexão no interior de cada obra. Superando os modismos e a necessidade de combate estético dos anos vinte, o decênio de 30 entra numa fase de maturidade e equilíbrio em busca da representação crítica e problematizadora da realidade social brasileira.

Lafetá (1974) contextualiza tratando a Revolução de 30 como uma abertura que proporcionou e exigiu o debate em torno da história nacional e da situação de vida do povo no campo e na cidade, “o real conhecimento do país faz-se sentir como uma necessidade urgente e os artistas são bastante sensibilizados por essa exigência” (LAFETÁ, 1974, p. 20).

A teórica Vera Lúcia de Oliveira, em *Poesia, mito e história do Modernismo brasileiro* (2002), ao abordar sobre o cosmopolitismo e nacionalismo salienta que o esteticismo exasperado da Semana de 22 é substituído por uma preocupação em reintegrar a literatura na realidade. Segundo a autora, os intelectuais da *Paulicéia* estavam alheios à luta que ocorria na sociedade por melhores condições de vida, à situação econômica e política do país.

Escritores e escritoras redescobrem, fascinados, a província marginalizada e a zona rural, a imensa floresta amazônica, o grande sertão do planalto central e a região do Nordeste, desoladamente ligada ao ciclo de secas. E, sobretudo, redescobrem os homens que viviam naquele Brasil misterioso e desconhecido, cujos ritmos de vida, muitas vezes duríssimos, em nada eram alterados por todas as discussões e polêmicas sobre a renovação apenas literária. Esse contato direto com a realidade impôs, aos protagonistas do Modernismo, a busca de um diferente modo de colocar-se em relação a ela e evidenciou a urgência de uma transformação qualitativa nos rumos do movimento (OLIVEIRA, 2002, p. 67).

Deste modo, os autores regionalistas adotaram uma preocupação sociológica e documental, diferentemente dos modernistas da *fase heroica*, cujo foco voltava-se para o experimentalismo estético. O romance regionalista começou a mostrar as contradições e conflitos de um Brasil que se queria moderno, urbano e industrializado, mas guardava também traços arcaicos em sua diversidade regional. O campo era dominado pela sociedade patriarcal em decadência e o homem comum enfrentava sérios problemas sociais para sobreviver.

A temática agrária aparece no romance regionalista em obras que retratam o problema da seca, como *O Quinze* (1930), de Raquel de Queirós, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, ou a decadência dos engenhos de açúcar, como *Menino de engenho* (1932), *Banguê*

(1934) e *Usina* (1936), de José Lins do Rego. Mas a temática urbana também é trabalhada nas obras de Jorge Amado, que contam histórias de Salvador, ou de Érico Veríssimo, como *Clarissa* (1933) e *Caminhos cruzados* (1935).

Um país em formação, agrário, com uma população na sua maioria não-letrada, teve dificuldade em absorver as novas concepções de arte. O conceito de arte apresentado pela vanguarda brasileira na década de 20 não foi bem digerido pela sociedade pequeno-burguesa de raiz romântica, o que ocasionou um mal estar entre os escritores.

Apesar de útil e necessário para a realidade brasileira, muito se criticou o romance regionalista, julgando-o bruto e sem técnica, mas foi o desenvolvimento da ficção social dos anos 30 que permitiu o (re)conhecimento de um Brasil diferente. Os ficcionistas de 30 voltaram-se para temas agrários, para sua terra e sua gente, para a realidade do interior do país. Tudo isso em consequência da Revolução Cultural de 30. Esse levante cultural nasce ainda na década de 20, através dos manifestos originados da Semana de Arte Moderna, porém como as transformações aconteceram a longo prazo, foi só na década de 30 que os efeitos começaram a surgir.

O *Manifesto Regionalista* (1926), de Gilberto Freyre, lido no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, na cidade de Recife, em fevereiro de 1926, foi o primeiro do gênero, tanto no Brasil como na América. O manifesto expressava a necessidade de restituir a cultura regional nordestina e teve grande ressonância. O pensamento regionalista consiste na tríade “tradição”, “região” e “modernidade”. A tradição é o legado cultural dos indígenas, negros e portugueses, formadores do Brasil. Esta tradição abriga algumas diversidades. A modernidade, por fim, seria uma ferramenta de leitura da tradição e da região.

O Movimento Regionalista de Freyre, ao introduzir a noção de modernidade à sua filosofia, se abre ao que vem de fora e ao novo, dialogando, assim, com outras culturas, olhares e perspectivas. Desta forma, Freyre busca na cultura popular os elementos que caracterizam a multietnicidade do povo brasileiro. Este manifesto e movimento contribuíram significativamente e impulsionou a literatura regional, abrindo espaço para nomes como José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, entre outros.

Esta produção fez parte de um processo de amadurecimento e intelectualidade da crítica da época. Os temas variam em torno das relações sociais e econômicas de cada localidade. Foi através de José Bezerra Gomes que o sertão do Seridó Norte-rio-grandense foi apresentado ao Brasil. Os escritores nordestinos sempre tiveram a preocupação em falar sobre os problemas sociais, retratando características da sua região: a religiosidade do homem, os costumes, as tradições, a linguagem e o clima.

Os autores de 30 retomam a região onde estão inseridos para trazer a problemática social, aprofundam-se nas questões sociais do Brasil e procuram a raiz dos problemas para mostrar, denunciar, criticar e trazer soluções. Assumem uma postura engajada diante do contexto histórico: Revolução de 30, Revolução Constitucionalista, Terceiro *Reich* (Hitler), Guerra Civil Espanhola, Segunda Guerra Mundial e Bombas atômicas.

Surge uma literatura engajada, politizada, que descreve com minuciosidade cada região do Brasil, denuncia a opressão, miséria; busca a verossimilhança; trabalha questões ideológicas (autores tomam partidos, escrevem estudos e teses ideológicas, ensaios sobre a sociedade brasileira); tipificam o social, mostrando aqueles que estão à margem, sendo explorados e oprimidos por alguma instância que se diz superior e detém mais poder.

José Américo de Almeida, um dos primeiros autores do romance regionalista, faz denúncia da seca, traz a visão do sertanejo, das oligarquias, torna visível a funcionalidade dos engenhos e trata de temáticas sociais nas obras *A paraíba e seus problemas* (1923), *O boqueirão* (1935), *Coiteiros* (1935) e *A bagaceira* (1928).

Rachel de Queiroz mostra os efeitos da seca, a vida do povo sertanejo, o mundo patriarcal, machista e a perspectiva feminina nos livros *O quinze* (1930), no qual aborda a grande seca do Ceará, *Caminho das Pedras* (1937), *Dora, Doralina* (1975), *Memorial de Maria Moura* (1992) e *As três Marias* (1939).

José Lins do Rego, inserido no ciclo da cana-de-açúcar, traz o auge e a decadência dos engenhos, assim como a ascendência das usinas, e com ela o desemprego, já que a mão de obra foi substituída pelas máquinas. O autor também escreve suas memórias nos primeiros romances e trata do cangaço. Algumas de suas obras são *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936), *Fogo morto* (1943) e *Cangaceiros* (1953).

Graciliano Ramos mostra a miséria/seca de Pernambuco - Recife; injustiças sociais; faz análise psicológica dos seus personagens; retirante/sertanejo; textos autobiográficos. Obras: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Vidas Secas* (sobre a vida dos retirantes) (1938), *Angústia* (1936), *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (memórias de quando ele foi preso) (1953).

Érico Veríssimo (grande escritor do Rio Grande do Sul), em sua primeira fase escreve sobre narrativas urbanas e sobre a classe média. Depois, desenvolve uma literatura histórica, política e engajada, usando de alegorias, tais como *Clarissa* (1933), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Caminhos cruzados* (1935), *O resto é silêncio* (1943); *O senhor embaixador* (1965), *O prisioneiro* (1967), *Incidente em antares* (1971) e outras.

Jorge Amado, escritor baiano, trata do ciclo do cacau, da zona rural/popular e do coronelismo com humor e sensualidade, em obras como *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *Terras do Sem-Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Já em *Gabriela, Cravo e canela* (1958), *Dona flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969), *Tieta do agreste* (1977) e *Tocaia Grande* (1984), critica o machismo da sociedade, enaltecendo as personagens mulheres com independência e poder.

Hermilo Borba Filho foi advogado, escritor, crítico literário, ensaísta, jornalista, romancista, dramaturgo, teatrólogo, tradutor brasileiro e diretor artístico do Teatro do Estudante de Pernambuco, fundador do Teatro Popular do Nordeste. Encenou peças como *Cabeleira Aí Vem*, de Sylvio Rabello, *BUUUM*, de Osman Lins (1924-1978) e José Bezerra Gomes, *Município de São Silvestre*, de Aristóteles Soares, *O Pagador de Promessa*, de Dias Gomes, *O Cabo Fanfarrão*, de sua autoria, *Antígona*, de Sófocles, e *Andorra*, de Max Frisch. Escreveu os romances *Os Caminhos da solidão* (1957), *Sol das almas* (1964), *Margem das lembranças*. Um Cavaleiro da Segunda Decadência - I (1966), *A porteira do mundo*. Um Cavaleiro da Segunda Decadência – II (1967), *O Cavalo da Noite*. Um Cavaleiro da Segunda Decadência – III (1968) e *Deus no pasto*. Um Cavaleiro da Segunda Decadência – IV (1972).

O escritor José Bezerra Gomes, logo em seu primeiro romance, *Os Brutos* (1938), viabiliza uma denúncia social por meio da ficção regionalista, constrói e fortalece a história e cultura da região do Seridó, no Estado do Rio Grande do Norte. O romance está inserido no projeto estético-literário conhecido como Literatura de 30, que tinha como características principais revelar realidades regionais e despertar uma consciência social. Assim, Gomes reflete sobre questões sociais e agrega à literatura potiguar.

## 2.2 Literatura potiguar

A partir do século XIX, a literatura e sociedade potiguar começaram a se desenvolver sentido a um engajamento social. A literatura Norte-rio-grandense surgiu, oralmente, por meio de conversas e histórias contadas entre familiares e amigos, em espaços habitados pela poesia e musicalidades e passadas de geração a geração. Histórias locais que refletiam a cultura, costumes e hábitos do povo potiguar, em busca da construção da identidade cultural.

A literatura de folhetins foi de fundamental importância para a veiculação dos textos literários e de informações sobre seus autores, assim como a organização dos poetas em associações e grêmios. Luiz da Câmara Cascudo, influenciado por Mário de Andrade,

incentiva e dissemina, por meio de seus trabalhos, como o livro *Alma Patrícia* (1921), os autores potiguares.

Gurgel (2003) destaca a poesia de Fabião das Queimadas: “um escravo que cantava acompanhando-se com uma rabequinha” (p. 9). Há ainda outros nomes de relevância, como Lourival Açucena, Eloy, Auta de Souza e Henrique, Othoniel Menezes, Ferreira Itajubá, os irmãos Castriciano, os escritos de Nísia Floresta, Palmyra Wanderley e Zila Mamede, escritoras de referências da cultura Norte-rio-grandense.

Tarcísio Gurgel (2003) menciona como protagonistas do modernismo potiguar os autores Jorge Fernandes, José Bezerra Gomes, Zila Mamede, uma das maiores poetisas do Estado com os livros de poemas *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), entre outros. E, ainda, na poesia marginal dos anos 70 e 80, nomes como Marize de Castro, João Batista de Moraes Neto (João da Rua) e Antônio Rosaldo.

O reconhecimento público do poeta Lourival Açucena é um dos primeiros registros. Açucena era também cantor, recebia atenção de políticos, como Oliveira Junqueira, presidente da Província na época; cultivava inimizades ao mesmo tempo em que recebia admiração do povo, tornando-se referência importante do período. Cascudo chegou a reunir, juntamente com Joaquim Lourival, filho do poeta, poemas num pequeno livro chamado *Versos*. Em seus escritos, não adotava nenhuma escola literária, apesar da tendência arcadista impressa em seus textos. Açucena conquistou o povo com seus cantos modinhas pendendo para o romântico, além da linguagem popular em suas músicas.

Já na *Belle Époque* natalense (período entre o final do século XIX até aproximadamente 1930), surgem associações de grupos intelectuais, tais como *Le monde March* e Congresso Literário, dando origem aos jornais *Oásis* e *A Tribuna*, que reuniam importantes poetas em seus corpos editoriais. Um deles é Segundo Wanderley, da Bahia, poeta influenciado pela poesia de Castro Alves, tido até mesmo como imitador do seu ídolo, o que acarretou muitas críticas, inclusive do próprio jornal em que colaborava. Neste mesmo período, a cidade se desenvolvia nos campos literário, musical, arquitetônico e urbanista, e cresciam os meios para a edição e circulação de livros.

Outros nomes importantes, ainda presos à estética do poeta inglês Lord Byron e do francês Victor Hugo, ganham destaque, como a já mencionada poetisa Auta de Souza, que contava com o apoio do irmão Henrique Castriciano e obteve um justo reconhecimento pela qualidade revelada em sua poesia, que chegava a ser disputada pelos jornais. O seu livro de poemas *Horto* (1900), com Prefácio de Olavo Bilac, expandiu seu reconhecimento para além

das fronteiras do Estado. Muitos críticos estudam sua obra e os leitores nutrem admiração pela tristeza dos seus versos.

O segundo romântico é o poeta Ferreira Itajubá, que sucedeu e superou Segundo Wanderley e Lourival Açucena em admiração popular. O poeta tinha uma rebeldia e coragem naturais, talento rude e espírito boêmio, apresentando-se como poeta em qualquer lugar e situação, incomodando a elite intelectual. José Bezerra Gomes foi seu primeiro biógrafo e falava de suas

noitadas nos pastoris dos arrabaldes, "duelando" liricamente nesses bairros mais humildes com o companheiro de boêmia, o também poeta Gothardo Neto; fala de um pequeno circo montado no quintal da sua casa; da sua atividade como pintor de placas; sua condição de folião nos períodos do carnaval. E depois dos empregos regulares que chegou a ter - embora não se fixando em nenhum - que foram o de prático da Capitania dos Portos e depois inspetor no Atheneu (GURGEL, 2003, p. 14).

Diferentemente da poesia dos seus predecessores, Itajubá imprimia em seus versos certa familiaridade, a beleza dos morros, a coragem dos rudes barqueiros, o canto dos pássaros, a religiosidade popular, a natureza regional, as frutas tropicais, que encantava leitores e ouvintes por identificação e representatividade.

Itajubá adoeceu com um pouco mais de quarenta anos, passou por uma cirurgia, mas não se curando em Natal, decidiu se mudar para o Rio de Janeiro. Tendo saído da capital do Rio Grande do Norte anonimamente, internou-se num hospital de caridade carioca e faleceu após outra cirurgia. Os irmãos Eloy de Souza e Henrique Castriciano providenciaram o seu sepultamento no Rio de Janeiro e transferência dos restos mortais para Natal.

Mais adiante, na fase do modernismo potiguar, por volta de 1918, Francisco Cascudo, pai do escritor Câmara Cascudo, cria o jornal *A Imprensa*, importante veículo de divulgação das ideias modernistas na cidade e de consolidação do talento intelectual do próprio escritor. O jovem Cascudo, nos conta Gurgel (2003), lança seu primeiro livro, *Alma Patrícia*, sobre autores potiguares. Jorge Fernandes, sensível às ideias de renovação, começa a divulgar poemas que as pessoas chamavam de "futuristas". Jorge, em seus poemas, procura olhar para o futuro com os pés no passado. Passado, presente e futuro em relação, sem esquecer-se um do outro. O escritor lança, de forma independente, o *Livro de Poemas* (1927), que praticamente não teve repercussão.

Mais tarde, o diligente e jornalista Lenine Pinto publica uma reportagem revelando a situação de esquecimento. Veríssimo de Melo inicia, em 1964, um resgate definitivo,

publicando uma plaquete<sup>2</sup> através do Instituto Nacional do Livro e organiza uma reedição do Livro de Poemas, acrescido de poemas e textos esparsos, em 1970.

Excepcionalmente criativo para os padrões poéticos então vigentes, Jorge Fernandes ainda utilizou-se de um original recurso gráfico no poema intitulado "Rede...", experiência que muitos críticos consideram antecipadora das ousadias da poesia visual mais atualizada, escrevendo a palavra SUSPENSA... como um arco deitado, a dar a impressão de uma rede de dormir armada. (GURGEL, 2003, p. 23).

Jorge Fernandes atingiu um alto nível em sua poesia modernista, difícil de ser alcançado. Foi o poeta que sentiu e soube interpretar o cheiro de terra, através de um experimentalismo formal pouco usado pelos poetas modernistas brasileiros, sobretudo os regionalistas.

Sobre a prosa dos anos 30, merece destaque Antonio de Souza, ex-governador que passou a publicar livros sob o pseudônimo de Polycarpo Feitosa. Estreou, em 1928, com o romance regional *Flor do Sertão*. Outro escritor importante deste período é Aurélio Pinheiro, com seu romance de sucesso *Macau* (1934).

E o currais-novense José Bezerra Gomes, que, apesar de ter a pequena obra comprometida pela doença mental, produziu vários escritos e três romances (*Os Brutos*, *Por que não se casa Doutor?* e *A Porta e o Vento*). Gurgel nos conta que ele era

Seguidor assumido do romance regionalista de 1930 - que, tratando da seca, do retirante, da memória do engenho e da injustiça social, revelou autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos - ele teria mesmo projetado (como sucedeu com o primeiro e o seu admirável "ciclo da cana-de-açúcar") um a que chamaria "do algodão". Desgraçadamente a doença comprometeria a atividade intelectual, impedindo que tal acontecesse. Mesmo assim ele se tornaria um dos mais importantes prosadores do Estado. Em todos os seus livros, mesmo que se admita um certo exagero na postura regionalista, há visíveis, as marcas do seu talento, especialmente na amarga evocação da memória guardada com tanto zelo. (GURGEL, 2003, p. 26)

Gurgel (2003) ainda nos explica que há uma fundação cultural com seu nome, na cidade de Currais Novos, onde tem uma biblioteca, grande acervo de manuscritos e projetos de livros. Há vários inéditos de obras inacabadas, como *Ouro Branco*, além de contos. Seu livro *Antologia Poética* (1974), impressionou os jovens poetas dos anos 70, dados os poemas de natureza regional e mensagens sintetizadas em pequenos ou únicos versos.

---

<sup>2</sup> De acordo com o Dicionário, Priberam da Língua Portuguesa, "plaquete" é um Livro de pequena espessura. O mesmo que folheto, plaqueta.  
Confira em: <https://dicionario.priberam.org/plaquete>. Acesso em: 17 dez.2020

### 2.3 Aspectos biográficos do autor

José Bezerra Gomes era advogado, contista, poeta, romancista, novelista, político, historiador, comunista e correspondente jornalista. Nasceu em 8 de março de 1911, no Sítio Brejuí, no município de Currais Novos, Rio Grande do Norte. Filho de uma família tradicional e fundadora de Currais Novos, seu pai, Napoleão Bezerra de Melo Galvão, era acionista da Mineração Tomás Salustino (Mina Brejuí); sua mãe, D. Veneranda Bezerra de Melo, era também de família abastada. A educação de Gomes seguiu o cunho tradicionalista.

Em 1930, a família mudou-se para a cidade do Rio Doce, Minas Gerais (atualmente Governador Valadares). Em Belo Horizonte, fez o Curso de Direito (1932-1936) e, embora fosse um membro efetivo da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), só exerceu a profissão de advogado em Portugal. Não se sabe ao certo o porquê de não seguir na profissão de advogado.

José Bezerra Gomes viveu sua juventude num contexto de radicalização política e social, marca presente em sua formação literária e intelectual. Destacou-se como vereador na Câmara Municipal de Currais Novos, durante o período de 1948 a 1953. Criou o projeto de lei *Criação da Diretoria de Documentos e Cultura da Prefeitura Municipal de Currais Novos*, com o objetivo de incentivar a cultura e o turismo, estimular o folclore e prestigiar a culinária regional. O projeto de lei previa a criação de uma biblioteca; a promoção de atividades artísticas e culturais e a criação de um museu. Além disso, possuía o serviço de radiodifusão e cinema.

Participou, ainda, da elaboração do Estatuto do Centro Esportivo Currais-novense (Aeroclube de Currais Novos), que tinha objetivos recreativos, literários e desportivos. Vale ressaltar que o aeroclube, atualmente, é um dos órgãos mais incentivadores do esporte local, com atletas de nível internacional. Foi também membro efetivo do Instituto de Genealogia Brasileiro de São Paulo e um dos fundadores da Academia Potiguar de Letras (atualmente, Academia Norte-rio-grandense de Letras, com sede em Natal).

Em Currais Novos, sofria discriminação por causa do seu comportamento diferente. Cortez Pereira, ex-governador e amigo de infância, o descreve como um homem melancólico e temperamental, marcado pela doença mental, o que dificultava a comunicação com as pessoas. Ele era uma pessoa difícil de lidar, mas de extrema sensibilidade.

José Bezerra Gomes morreu no dia 26 de maio de 1982, em Natal. Foi sepultado no Cemitério Parque de Nova Descoberta. Em 1994, seus restos mortais foram transferidos para

o cemitério de Sant'Ana, por iniciativa da Fundação José Bezerra Gomes, juntando-se, assim, ao seu povo.

A obra do autor se resume a oito livros publicados, dentre eles alguns contos e poesias escritos para jornais locais e de Minas Gerais, como também o livro *Ouro Branco*, que aborda a cultura do algodão.

José Bezerra Gomes teve destaque na literatura do Rio Grande do Norte como poeta, ficcionista e narrador histórico. Na ficção: *Os Brutos* e *A porta e o Vento*, livros nos quais o autor relata a paisagem física e humana da região do Seridó, os campos de algodão e a cidade de Currais Novos, utilizando, no decorrer das cenas, aspectos econômicos, políticos e sociais, nos quais, criando uma conotação sertaneja em seus personagens.

Como narrador histórico escreveu os livros: *Retrospectiva da Vida do presidente Thomás de Araújo Pereira* e *Retrato de Ferreira Itajubá*. José Bezerra Gomes era um estudioso da família seridoense e do povoamento de Currais Novos. Em *Sinopse do Município de Currais Novos* (1975), José Bezerra Gomes narra como povoaram a cidade, os costumes e tradições vividas pela sociedade Currais-novense, a vida política e econômica da época, contribuindo para a historiografia de Currais Novos, já que trata do período desde a origem até o ano de sua publicação.

Na poesia, escreveu um único livro, que recebeu o nome de Antologia Poética. Escreveu ainda os livros *Por que não se casa Doutor?* e *Teatro de João Redondo*. O rigor poético do escritor expressa suas ideias político-literárias.

O *Teatro de João Redondo* foi publicado em 1975, durante a *III Festa de Folclore Brasileiro*, pela Fundação José Augusto e lançado em Natal. Em 1951, apresentou a pesquisa do brinquedo João Redondo, em forma de tese, no *I Congresso Brasileiro de Folclore*, no Rio de Janeiro. Assim, José Bezerra Gomes pode ser considerado o pioneiro da documentação do João Redondo no Nordeste.

Foi o Seridó do algodão que inspirou José Bezerra Gomes a direcionar sua literatura para o Ciclo do Algodão. Os livros *Os Brutos*, *A Porta e o Vento*, *Sinopse do Município de Currais Novos* e *Antologia Poética*, estão ligados à cultura do algodão. O algodão era um dos principais produtos econômicos do Rio Grande do Norte.

A terra e o homem, a decadência da fazenda, a cultura do algodão, a vida no sertão, o interior e seus costumes são traços característicos dos seus romances, que seguem os padrões tradicionais, sem recorrer aos modismos. Em *Os Brutos* (1938), seu primeiro livro, mostra a força de sua produção, por apresentar um enredo regional, linguagem simples, cenas claras e com humor ao longo do livro, sendo aplaudido pela imprensa do Rio de Janeiro.

No romance *Os Brutos*, metade do livro se dedica a ação na cidade e a outra metade no campo. No decorrer da narrativa estão presentes aspectos da vida cotidiana do povo sertanejo, contada de maneira simples, mas com bastante propriedade. José Bezerra Gomes dá um pequeno enfoque de como era a mão de obra na cultura do algodão. A partir das lembranças no sítio Brejuí, onde cresceu, o autor recria o mundo de sua infância e adolescência, fornecendo ao leitor um painel da sociedade rural do interior nordestino.

A literatura de José Bezerra Gomes perpassa por todo o processo da cotonicultura e toda ação do mundo rural, vividos pelos seus personagens tipicamente regionais. O escritor se preocupou em narrar a cultura popular, em usar uma linguagem simples como o sertanejo, fundamentando sua obra na cultura do algodão.

O algodão era um dos principais produtos econômicos do Rio Grande do Norte. A região do Seridó produz o Ouro Branco, tendo o privilégio de possuir a *fibra longa*, considerado o melhor algodão do globo. José Bezerra se inspirou no Seridó do algodão e vários de seus escritos estão ligados ao ciclo do algodão.

Em sua literatura notam-se os processos e técnicas de beneficiamento de algodão, todo o sistema de comercialização e transporte usados, a situação climática, e toda narrativa da grande produção de algodão mostrada com um pouco de humor. Em todos os livros há o contraste entre o campo e a cidade, a fartura e a decadência da fazenda, o ciclo do inverno e da seca, a permanência no campo e a migração.

Em meio a tanta controvérsia, José Bezerra Gomes escondia dentro de si uma sabedoria incrível, uma sensibilidade máxima, que atravessava a linguagem e a literatura. Apesar de todas as adversidades enfrentadas ao longo da sua vida, soube se resignificar e escrever textos que despertam a admiração de muitos leitores, ensinando a força que há naqueles que lutam, que não desistem. Trouxe cenários pouco explorados, questões pouco discutidas, mas que eram importantes para o desenvolvimento crítico da sociedade, tal como a temática escolhida e expressa em seu livro *Os Brutos*, a saber a masculinidade tóxica.

O período de 30 foi marcado por inquietações políticas, mudanças na sociedade e na economia, novas atitudes estéticas e reflexões pioneiras sobre a realidade nacional. Os autores nordestinos tiveram um grande papel neste cenário ao trazer a região do Nordeste para o centro das atenções na produção literária. A literatura nordestina, deste modo, dá visibilidade às questões antes ignoradas, esquecidas, relegadas à margem, e mostra uma brilhante criação ficcional, enriquecendo a literatura dos anos 30.

### 3 A MASCULINIDADE TÓXICA NA OBRA *OS BRUTOS*

#### 3.1 Sobre a masculinidade tóxica

O termo *Masculinidade tóxica*, cunhado pelo professor Shepherd Bliss<sup>3</sup>, no início da década de 80, leva-nos a questionar, antes de tudo, o que é ser masculino e, conseqüentemente, o que é a masculinidade em si. Se recorrermos ao dicionário tão somente para encontrar uma modesta definição, deparamo-nos com as seguintes descrições<sup>4</sup>:

**masculinidade** (mas.cu.li.ni.da.de) sf. **1.** Qualidade de masculino **2.** Qualidade de quem tem comportamento másculo; VIRILIDADE [F.: *masculino* + -(i)dade. Ant.ger.: *feminilidade*.]

**masculino** (mas.cu.li.no) a. **1.** Ref. Ao homem ou ao macho **2.** Que é dotado de órgãos para fecundar (flor masculina) **3.** Próprio de macho; MÁSCULO: "Ela não é propriamente bonita (...) corpo de rapaz, esbelta, gestos masculinos..." (Érico Veríssimo, Vera) (..) **5** Gram. Gênero masculino. (...) [F.: Do lat. *masculus*, a, um. Ant. ger.: feminino. Ideia de 'masculino': andr(o)- (androceu).]

**másculo** (más.cu.lo) a. **1** Ref. a homem ou a animal macho; MASCULINO **2.** Viril, varonil.: Força e coragem são consideradas qualidades másculas. [Antôn.: afeminado.] [F.: Do lat. *masculus*, a, um.]

Ao ler atentamente as definições, podemos perceber que elas estão intimamente ligadas à ideia de virilidade. Desta forma, recorreremos mais uma vez ao dicionário e lemos:

**virilidade** (vi.ri.li.da.de) sf. **1.** Qualidade ou condição de quem é viril; MASCULINIDADE. **2.** Período de vida do homem situado entre a infância e a velhice. **3.** Fig. Energia física ou moral. **4.** Capacidade que tem o homem de realizar o ato sexual: Queria sempre provar sua virilidade. [F.: Do lat. *virilitas, atis*]

A partir dessas concepções, podemos concluir que a ideia do que *é ser homem*, é uma ideia pré-concebida, principalmente por características físicas e comportamentais, sobretudo ligadas à força física e competências sexuais. Segundo essas definições, não há possibilidade de a masculinidade ser afastada da condição viril. É como se não fosse possível ser homem sem exibir uma energia física e disposição para a prática do ato sexual.

<sup>3</sup> SCULOS, Bryant W. (2017) "Who's Afraid of 'Toxic Masculinity'?", Class, Race and Corporate Power: Vol. 5 : Iss. 3, Article 6. Disponível em: <http://digitalcommons.fiu.edu/classracecorporatpower/vol5/iss3/6> Acesso em: 30 out.2020.

<sup>4</sup> AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

Por muito tempo, cobrou-se do homem um *comportamento masculino*, que em suma seria: *uma força física exacerbada* – porque, afinal, homens não são fracos; *e a resistência às emoções* – aquele ditado popular expressa bem isso: “homem não chora”. Com isso, nunca, ou raramente, admitimos em nossa sociedade homens que demonstrem fraqueza, chorem com frequência, ou expressem algum tipo de sensibilidade, sem que sejam tachados pelos seus antônimos em tom pejorativo: *afeminado, mulherzinha*.

Ainda sobre a concepção de masculinidade, Furtado (2018), apoiando-se no teórico Mike Donaldson, resgata o conceito de hegemonia como originalmente desenvolvido pelo filósofo marxista Antonio Gramsci e salienta que

inerente à hegemonia política está a persuasão de que ela é natural e normal. Transportando essa visão para as questões de gênero, fica clara a ideia de que o “homem de verdade” tem naturalmente as características da masculinidade hegemônica, sendo assim, é também naturalmente talhado para liderar. Como nem todos os homens têm essas características naturais da hegemonia, os que estão excluídos dela são considerados masculinidades marginais. Os que não as apresentam, portanto, fogem ao modelo ideal e, logicamente, deveriam lutar para desenvolvê-las. (FURTADO, 2018, p. 25-26)

Sendo assim, não apresentar as características que conferem o que vem a ser a *masculinidade hegemônica*, exigiria do homem um esforço para desenvolvê-las. Tal esforço, não sendo natural, exerce no indivíduo tamanha pressão que, conseqüentemente, culmina em uma tóxica ansiedade e, posteriormente, frustração, caso o sujeito não alcance o objetivo estabelecido pela sociedade patriarcal na qual vivemos.

Pensando nos efeitos nocivos causados por essas exigências tóxicas de masculinidade, a psicologia vem se debruçando em estudos que visam alertar a sociedade sobre os perigos causados pela excessiva pressão à comunidade masculina, uma vez que altos índices de suicídio e violência são percebidos neste grupo.

Uma pesquisa realizada pela OMS, em 2019, revela que os homens representam 76% dos suicídios ocorridos no Brasil<sup>5</sup>. Os dados sobre a violência são também bastante alarmantes: no artigo intitulado *Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva*, os autores Raí Carlos Marques de Paula e Fátima Niemeyer da Rocha relatam que, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2017, 87 mil mulheres perderam suas vidas em crimes

---

<sup>5</sup> Fonte: GAZETA DO POVO.

que se enquadram na categoria de feminicídio. Dessas 87 mil mulheres, 58% foram assassinadas por cônjuges, ex-maridos ou familiares, gerando uma taxa de 6 feminicídios a cada hora.

Entretanto, revisitando os dados de 2016, o mapa da violência nos mostra que, neste ano, 94,4% dos homicídios cometidos por armas de fogo no Brasil foram contra homens, o que revela que o público masculino não é somente opressor neste cenário, mas também vítima da própria postura, pois, reproduzindo um comportamento às cegas, não se dá conta do quanto perde por não dar espaço à própria subjetividade, em detrimento de uma identidade que lhe concede uma sensação de poder, contudo não permite falhas.

Afunilando esta discussão e direcionando-a ao Nordeste brasileiro, encontraremos um conceito masculino bastante conhecido como *cabra-macho*, que sintetiza bem a ideia da construção de um homem viril. Este termo popularizou-se, sobretudo, por meio da literatura, com as narrativas sertanistas e, posteriormente, a personificação da força na figura destemida e valente do cangaceiro. Nesse sentido, Albuquerque Jr., em sua obra *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* nos diz:

O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JR., 2003, p. 162 *apud* FURTADO, 2018, p. 34).

E complementa:

É interessante perceber ainda, que todos os tipos regionais que se converteram posteriormente no nordestino, são definidos como tipos masculinos rurais. Pela descrição que se faz do tipo de atividades que executam percebe-se que, ao falar em homem, não se trata propriamente de um homem representante da espécie, mas de um homem representante de um gênero específico, ou seja as mulheres estão sistematicamente excluídas (ALBUQUERQUE JR., 2003, p. 214 *apud* FURTADO, 2018, p. 32).

A narrativa do romance *Os Brutos*, objeto de nossa análise, insere-se neste cenário nordestino e é pautada por Sigismundo a partir dos valores masculinos do mundo adulto. Ao longo da trama podemos observar a formação deste homem tal qual definido por Albuquerque Jr (2003). Afastados do mundo moderno e inseridos em uma sociedade árida e rural os homens são conduzidos ao embrutecimento, a contar de seu nascimento. Os meninos, desde muito novos, são compelidos a não demonstrarem qualquer tipo de sensibilidade,

consequentemente, são convocados a atestarem a masculinidade tão logo for possível. Uma comprovação que vem por meio do embrutecimento dos sentimentos e se estende à vida sexual que precisa ser ativa e exposta a outros homens de seu convívio para que seja homologada.

Este ciclo de nascimento, comprovação de masculinidade e homologação em seu meio, encerra os alicerces de uma sociedade patriarcal que se confirma com a exclusão e o silenciamento da mulher, com a construção da masculinidade tóxica e suas consequências em diversas camadas sociais e faixas etárias.

### 3.2 *Os Brutos* e os aspectos sociais

Inserido no Romance de 30, aspecto anteriormente abordado em nosso trabalho, *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, embora curto, expõe com clareza dramas sociais e existenciais narrados por Sigismundo, que se dão em Currais Novos, município do interior do estado do Rio Grande do Norte e no Alívio, espaço rural localizado nas proximidades de Currais Novos.

A narrativa pode ser dividida em duas partes: A primeira, do capítulo 1 ao 14, em que o narrador revela os hábitos, os costumes e os valores sociais que o rodeiam; e a segunda, do capítulo 15 ao 25, em que são narradas as experiências do menino Sigismundo em meio à vida que lhe cerca: os problemas do campo, dos trabalhadores rurais e as discrepâncias com os coronéis. As personagens estão envoltas em relações de desigualdade, que são denunciadas pelo narrador ao adentrar a estrutura social e econômica vigente na região à época.

Ao começar pelo título, tomamos conhecimento, logo de início, que a narrativa será conduzida por meio da camada considerada mais rústica da sociedade, neste caso a população que vive do plantio do algodão, na região do Seridó. Sobre esta, José Bezerra (2007) revela:

Os outros trabalhadores, porém, trabalhavam a seco e o que ganhavam mal dava para comerem. Pegavam no serviço bruto de sol a sol. Não tinham descanso. Muitos tinham vindo do Juazeiro do Padre Cícero, como Antônio Sabino e seu Luciano loiro. Outros eram do oco do mundo. Ninguém sabia donde tinham vindo. Viviam de lugar em lugar, de rede nas costas à procura de serviço. Trabalhavam um dia aqui, outro ali. O serviço do açude e do eito estava cheio deles e mamãe não me queria conversando com nenhum. **Eram uns brutos, como os bichos, que anoiteciam num canto e amanheciam no outro.** Não tinham Religião nem temor a Deus e tanto lhes fazia fazerem o mal como o bem. Quantos já não eram criminosos? Desconfiavam de seu Avelino, que diziam que tinha o nome trocado e andava foragido da polícia pelo mundo afora. Era, porém, um dos melhores

no serviço. Ganhava dois e quinhentos por dia, ele, João Acaciano e Felipe Caboclo. O resto do pessoal ganhava dois mil réis e menos. Os meninos e as apanhadeiras de algodão tiravam oitocentos réis e dez tostões. quando tiravam mais (GOMES, 2007, p. 53, grifo nosso).

O trabalho árduo, a terra seca; bruta era também a labuta diária, de sol a sol, a que estavam expostos os trabalhadores daquela região. Sem descanso, com pouca comida, obrigados a sempre se mudarem para viver da única forma que sabiam: trabalhando. O trabalho duro era o que moldava aqueles seres, nada ou muito pouco se sabiam deles. Despidos de suas humanidades, eram como bichos que migram de um lado a outro para conseguirem alimento, “que anoiteciam num canto e amanheciam no outro”. Não tinham nada, apenas a vontade de sobreviver que resultava na força de trabalho que fazia mover todo o Seridó.

Embora não haja um aprofundamento das personagens, são elas que estruturam a narrativa e nos revelam e denunciam as condições de vida e de trabalho no campo daquela região. A trama nos mostra uma sociedade embrutecida e bastante patriarcal, na qual fica claro o lugar de inferioridade em que se encaixam as mulheres e as crianças na narrativa, conduta evidenciada pelo silenciamento feminino e o trabalho infantil, que anuncia a desigualdade dentro da desigualdade, como afirma Medeiros (2015).

Entretanto, os brutos não são apenas os trabalhadores do Alívio, mas toda uma sociedade de brutos, de incivilizados, que analisada pelo olhar do autor, sinaliza a barbárie na ideia de atraso cultural. É a sociedade apegada a tradições religiosas, a preconceitos arraigados, que tratam ostensivamente João sacristão, personagem que encontra nas missas seu momento de elevação, mas que sente necessidade de dar prova de sua masculinidade, e ver-se obrigado a sair com uma das prostitutas do aterro. É o tio Lívio que mata Rica, mulher da vida bancada por ele, com uma facada no peito por ciúmes, como sinal de posse.

A brutalidade está na estrutura social que dissemina preconceito, desigualdade, ignorância e exclusão fundamentada na divisão de raça, de gênero e nas relações de trabalho, exclusão social instituída por meio do colonialismo presente na nossa cultura. Nesse sentido, grotesco é o atraso cultural do Seridó calcado na exclusão, ainda que essa seja uma projeção universal. Sociedade que longe do polo da modernidade, sem acesso a educação ou a bens culturais não incorpora os novos valores advindos do novo mundo (MEDEIROS, 2015, p.75).

Pela narrativa, o Seridó se localiza distante da civilidade e abriga um povo sem muito acesso à educação, que precisa se deslocar para a cidade grande, Natal, caso deseje e, acima de tudo, disponha de condições financeiras para custear os estudos, coisa rara naquele lugar. Com isso, é possível evidenciar a relação campo e cidade muito marcada na narrativa,

destacando a cidade como um local de desenvolvimentos e modernidade, e o campo como um espaço que evoluirá apenas à mercê desta relação.

Podemos constatar isso na pessoa de *Seu Tota*, homem rico, que ia constantemente a Natal, “buscar mais dinheiro nos bancos para fazer novos e bons negócios.” (GOMES, 2007, p. 20). Um homem que lucrava com tudo, inclusive com a seca, desgraça do povo do Seridó: “Um ano de seca lhe rendia mais do que um ano de safra, de fartura. Fazia os melhores negócios pela hora da morte, tomando as terras dos seus devedores atrasados pelo preço que queria.” (GOMES, 2007, p. 56), e amolecia até os mais valentes homens daquele sertão: “Até papai, ele, que brigava com os moradores por um palmo de terra, um dia de serviço, amoleceu para o enviado de seu Tota, mandado para nos tomar tudo, o chalé, o açude, os roçados, as terras.” (GOMES, 2007, p. 58). Em Currais Novos e no Alívio, os Brutos se dobravam àqueles que demonstravam, seja pelas posses ou pelos estudos, serem um pouco menos brutos do que eles.

Outra figura que encarna a prosperidade e a modernidade advinda da cidade é o Doutor Anor da Silva Pereira, esse, como nome, sobrenome e título de profissão de respeito. Filho de Seu Vivaldo da Silva Pereira, abastado comerciante do município, e Maria Idalina da Silva Pereira; *Anor*, formado em Direito, regressa a Currais Novos como um herói, um salvador e é laureado de orgulho pelos conterrâneos que o aguardavam.

Terminada a ingente luta de preparo intelectual, eis que volta à terra natal, aureolado de louros, o Dr. Anor da Silva Pereira, cujo nome encima estas linhas. Apaixonado pelos certames da palavra, a inteligência voltada para as cumeadas do pensamento e o coração esculpido no trato das boas ações são credenciais com que se apresenta o novo bacharel para a árdua e nobilíssima carreira do Direito, seja para defender a sociedade contra os seus aviltamentos, seja para salvar a dignidade pessoal, onde ela periclitou. Thêmis está atenta para ouvir os arroubos de sua eloquência e os seus amorosos pais, consolados dos esforços que empregaram para aformosear-lhe o talento, sopitam os impulsos de sua alma, ansiosos pelo venturoso dia de hoje, que assinala o seu regresso ao lar paterno e o desdobrar de uma existência iluminada qual barco singrando um mar bonançoso.

Publicando hoje o retrato do Dr. Anor da Silva Pereira, prestamo-lhe pálida porém sincera homenagem, antecipando a nossa participação nas demonstrações de inequívoco apreço que lhe esperam. O homenageado será recebido festivamente na entrada da rua, aos sons da banda de música e ao espocar de fogos do ar. Nessa ocasião, usará da palavra o nosso Ilustre colaborador, o poeta João Batista Sobrinho, cujo estro resplandece cheio de beleza e pureza no firmamento da nossa poesia. Formar-se-á, então, o préstito que conduzirá o homenageado à residência de seus venerandos progenitores. No dia seguinte, dia de Natal, às oito horas, será celebrada na Igreja, em ação de graças pela auspiciosa e brilhante conclusão do curso acadêmico do Dr. Anor da Silva Pereira, solene Missa cantada, com coro dirigido pela Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Das Dores Assunção, à qual deverão assistir o

homenageado e todas as pessoas que deram a sua adesão aos mesmos. Para este ato de Santa Religião, em nome da comissão de festejos, convidam as Exm.<sup>as</sup> famílias currais-novenses. Fechando esta notícia, enviamos ao Exm.<sup>o</sup> Sr. C.<sup>el</sup> Vivaldo da Silva Pereira e à sua digníssima esposa Dona Maria Idalina da Silva Pereira os nossos efusivos parabéns pelos triunfos alcançados pelo seu dileto filho [...] (GOMES, 2007, 34-35).

Doutor Anor é, talvez, a personagem que detém mais prestígio e dignidade na narrativa, pois ele, não apenas tem dinheiro, mas como também tem estudo e formação importante; coisas que o colocam acima dos brutos e incultos de Currais Novos. Aclamado e respeitado, ele se unirá a *Seu Tota*, advogará para ele, fazendo-lhe valer seus direitos sobre os pobres e miseráveis moradores do Seridó, reforçando e perpetuando a opressão àquele povo, do rico sobre o pobre.

Contudo, não são apenas os ricos e poderosos que desempenham esse papel opressor na sociedade curral-novense, há também opressores entre os oprimidos. Opressores que, sentindo-se oprimidos por outrem, regozijam-se em oprimir outros que consideram estar abaixo de si. Observamos este comportamento em *Tia Maria*. *Tia Maria* era pernambucana e tinha se casado com *Tio Abdias*, irmão do pai do narrador, quando esse estudava Farmácia no Recife; mudou-se para Currais Novos por conta do marido, mas era contundente em dizer que não gostava daquela terra. Ela e o marido tinham um filho, o *Aldair*, e levavam uma vida relativamente boa naquele árido cenário.

Sigismundo foi para Currais Novos estudar, morava na casa dos tios e desde sua chegada sentira o peso do tratamento que recebia ali.

[Tia Maria] Quase não saía de casa e tinha um único filho, chamado Aldair, um menino louro de tranças de boneca que criava diferente de todos os meninos, sentado numa cadeira na sala do meio, lendo alto o dia inteiro. Apanhava por qualquer coisa. Bastava esquecer a lição do grupo ou ela chamar e ele não responder.

E tia Maria não era assim só com o Aldair. Era com todo mundo. Tratava mal até a pobreza e fazia conta até do resto de comida que sobrava da mesa. Ainda me lembro do dia em que vim para a sua casa, quando foi para eu vir para o grupo aprender. Nem papai nem mamãe queriam me mandar, temendo a ruindade de meus tios e parece que estavam adivinhando tudo.

Tio Abdias passava o dia na farmácia e tia Maria num quarto. Só os via na hora da comida e o abandono em que me traziam me fez procurar a rua e me juntar aos seus moleques. Saía e voltava à hora que queria e não faziam caso. Podia chegar tarde da rua que encontrava a porta aberta. Não perguntavam por onde tinha andado. Tio Abdias era que, às vezes, tossia lá de dentro do quarto, dando a entender que estava acordado.

No entanto, Aldair sucumbia numa prisão de passarinho engaiolado. Não saía um minuto de debaixo dos olhos de minha tia. Vigiava o filho até quando o menino ia fazer as suas necessidades.

Uma noite porém percebi tudo: por que era que Aldair era criado de um modo e eu de outro. Tia Maria e tio Abdias falavam a meu respeito no quarto e a ouvi dizendo ao marido:

- Não vou criar filho dos outros. Basta o meu para me dar cuidado. Quem tiver os seus que cuide deles.

Senti as suas palavras entrando fundo no meu coração e quis gritar dentro da sala escura, onde tinham me botado para dormir numa rede desde que viera, mas o meu esforço foi abafado por um choro que durou a noite toda, um choro entalado e engolido de quem chora sozinho e não tem por quem chamar. (GOMES, 2007, p. 17-18)

A partir do comportamento de *Tia Maria*, podemos concluir que a opressão que ela sofre pela sociedade em que está inserida, ou seja, a sociedade patriarcal de Currais Novos, que é regida pelos valores masculinos de virilidade e que subjuga e exclui suas mulheres, faz com que ela repita um comportamento opressor e violento sobre aqueles que ela considera inferiores, que estão sob seu domínio, neste caso, o filho Aldair e o sobrinho Sigismundo, narrador da história, o qual denuncia, por sua vez, o comportamento opressor da tia.

Refletindo sobre este ciclo: opressor → oprimido → opressor → opressor, podemos pensar na célebre frase atribuída a Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor” (*apud* BOMBARDA, 2018, p. 56), e estabelecer nisto um paralelo com a carência educacional e privação cultural que sofre a população curral-novense, relegada e condenada a repetir este padrão de comportamento por gerações.

Outro exemplo deste ciclo de opressão e também de violência do homem sobre a mulher é o velho *Duca*, que divisava suas terras com Alívio pelo lado norte. Quando mais novo, possuindo grande fortuna, casou-se com uma sobrinha muito mais nova. Agora estava com sessenta anos e a sobrinha na casa dos trinta. Com os anos, adoecera de uma perna e a prosperidade de suas terras minguou, e teve que hipotecar a casa a *seu Tota*, triste destino da maioria das pessoas dali. A partir disso, Sigismundo nos revela, mais uma vez, os grilhões que aprisionam aquele povo e o impede de romper com aquela espécie de ciclo vicioso de comportamento, no qual parece estar fadada aquela sociedade até seu fim.

[...] corria de água abaixo, com os roçados de cercas caídas e o mato crescendo e cercando o casarão da sua fazenda abandonada. **E cada vez mais velho e doente e a mulher cada vez mais moça e bonita, dera então para ter ciúmes de D. Mocinha a até com as pessoas de casa.**

Às vezes, mamãe ia comigo até lá comprar rendas à D. Mocinha que vinha nos encontrar no pátio. Ficávamos quase sempre até de noitinha e era um custo para ela nos deixar voltar. Vinha nos trazer novamente no pátio e ficava nos acompanhando com a vista até nos encobrirmos no caminho.

**E voltava, então, para a solidão do casarão do Condado.** Seu Duca, lá dentro do quarto, tossia alto e escarrava grosso. Devia estar, com a nossa saída, pesando um algodão que estava ocultando na camarinha.

**Aquilo era assim todos os dias e D. Mocinha já estava desconfiada com os intentos do marido.** Vendera toda a safra do Condado a seu Tota e por que era então que estava reservando aquele paiol de algodão ali dentro do quarto? Não podia atinar e um dia lhe perguntou para que era

- Para fazer pavio para as lamparinas.

[...]

O marido não saía mais da camarinha, olhando deitado na cama para o algodão e medindo com os olhos. Levava o tempo todo assim. **E quando acontecia sair do quarto para alguma necessidade, fechava a porta e botava a chave no cóis da calça.**

**Não confiava, nem à mulher, o seu paiol.** Se confiasse em D. Mocinha não teria lhe respondido que aquele algodão era para fazer pavio para as lamparinas e sim para vender escondido. Não era besta para entregar toda a safra do seu Condado a seu Tota, embora lhe tivesse vendido na folha e recebido o dinheiro. Não, daquele paiol, não entregaria um capucho.

E vivia calculando no juízo como havia de fazer tudo. E de tanto calcular começou a sonhar, a ter uns sonhos horríveis que o deixava aniquilado quando acordava. Às vezes, sonhava com o paiol pegando fogo e seu Tota entrando de camarinha adentro e levando tudo num saco enorme e sem fundo. Quando acordava estava molhado dos pés à cabeça. Levanta-se no escuro e logo dava com o corpo no paiol. Agora tinha a certeza de que tinha sido mesmo sonho, porque estava sentindo nas mãos que era algodão que estava pegando. Ou não? Estaria sonhando, mesmo acordado como estava? Acendia, então, a lamparina. A escuridão desaparecia com a luz. Agora, sim, estava vendo: o seu paiol de algodão não tinha pegado fogo, nem seu Tota o tinha levado no saco enorme e sem fundo. Apagava a lamparina e se deitava, mas era pegar no sono e os sonhos tornarem a aparecer.

E um dia, depois do almoço, deitou-se na cama e fechou os olhos. Já estava adormecendo e sentiu o cigarro aceso lhe queimando os dedos e o atirou fora. O cigarro foi cair direto no paiol pegou fogo e virou uma chama do tamanho que era o quarto, passando para as telhas e para a casa toda, tudo tão ligeiro e tão rápido como num sonho. Mas se não era sonho, se era fogo mesmo, por que não se levantava, não abria a porta fechada à chave da camarinha e não fugia? **Nem se levantar da cama se levantava, embora ainda ouvisse uns gritos que vinham lá de fora e que eram os gritos de D. Mocinha. Os moradores acudiram e ainda procuraram apagar o fogo, mas era como se estivessem atiçando, porque o fogo fazia era crescer.** (GOMES, 2007, p. 50-52, grifos nossos)

*Seu Doca* traduz, de forma clara e ampla, a severidade desse ciclo opressor. Sendo jovem e rico, no auge de sua virilidade, afirma esta condição casando-se com sua sobrinha, uma mulher muito mais nova do que ele. Já velho e doente, perde o dinheiro e a idade lhe tira a virilidade e dá em troca um ciúme profundo pela mulher, que mantém sob vigilância e afastada de todos. A relação que eles têm é uma clara relação de dominação de gêneros; não estão juntos pelo afeto e não há entre eles cumplicidade, podemos perceber isto pela evidente falta de confiança com que *seu Doca* trata *D. Mocinha* e pela empreitada que realiza escondido dela. *Seu Doca* oprime *D. Mocinha*, porque lhe acha inferior a ele. *Seu Doca* oprime *D. Mocinha*, porque a sociedade o oprime e, por fim, *Seu Doca* oprime *D. Mocinha*, porque ele é oprimido por *seu Tota*, representante máximo deste sistema opressor.

Intentando livrar-se de uma parcela opressora, *seu Doca* arquiteta sua vitória sobre esse sistema, mas sucumbe impotentemente, apregoando que só é possível encerrar este ciclo com a morte.

### 3.3 Sigismundo e o Sacristão seu João

Sigismundo, como já é sabido, é o narrador do romance *Os Brutos*. É a partir da sua visão que passamos a ter conhecimento dos fatos e, como foi dito anteriormente, sua narrativa é pautada nos valores masculinos do mundo adulto. Refletindo sobre esses valores, Furtado (2010), em seu artigo intitulado *José Bezerra Gomes e a agonia da masculinidade*, embasado no psicólogo Francisco Gikovate, pontua um aspecto muito importante, o qual nos deparamos constantemente ao longo da narrativa de José Bezerra Gomes:

não é suficiente nascer tendo o sexo masculino para ser considerado homem. Ao menino que está entrando na puberdade é exigido que demonstre a sua virilidade, ou seja, que é homem de verdade, o que só se concretiza ao manter relações sexuais com mulheres. Segundo ainda Gikovate, após a primeira relação sexual o menino experimenta um grande alívio pois agora está certo de que é um homem e não corre mais o perigo da homossexualidade. No entanto, a sua primeira vez com uma mulher, não o classifica como homem em caráter definitivo. O menino terá que continuar reafirmando a sua virilidade através de constantes relações sexuais com outras mulheres (FURTADO, 2010, p. 2).

As personagens que melhor encarnam este aspecto, de ter sempre que reafirmar a sua virilidade, são Sigismundo e o Sacristão seu João. Não é preciso ir muito longe na narrativa para se deparar com isto. No Capítulo 2, ao narrar as aventuras de *tio Lívio* com *Rica*, mulher da vida que seu tio sustentava, Sigismundo relata:

Uma vez chegou mesmo a me arrastar ao Aterro para ela me conhecer. **Eu vivia me gabando de que já era homem** e aproveitou a oportunidade para me levar. E tanto me iludiu que acabei indo. Enquanto estava no caminho, andando pela Rua do Rosário abaixo, ia muito bem. **Mas quando fui chegando perto do Aterro e avistei as suas casas, uma grande vontade de voltar me puxava para trás e só não voltei para não dar parte de fraco. Riria na certa à minha custa e contaria que eu tinha amolecido no meio do caminho e seria uma morte para mim quando João Bolo, Zé do Cego e os outros soubessem** (GOMES, 2007, p. 16-17, grifos nossos).

Não sabemos ao certo a idade do narrador, contudo é possível estimar que este esteja entre a pré-adolescência e a adolescência, devido ao relato da mudança para casa dos tios,

para ir ao “grupo aprender”<sup>6</sup> (p. 18). No relato supracitado do jovem, podemos confirmar a ideia exposta por Furtado (2010), no momento em que aquele diz “eu vivia me gabando de que já era homem”, neste sentido, depreendemos que Sigismundo se gabava de já ter tido relações sexuais com uma mulher, mesmo sendo tão jovem. Ainda assim, mesmo sendo do sexo masculino, só afirma ser homem após consumir a relação sexual com uma mulher. Se, do que o menino se gabava era verdade, não sabemos, mas sabemos que, ao ser guiado pelo tio à casa das mulheres, sentiu uma imensa vontade de voltar e só não voltou pela pressão social que esse ato lhe causava, como afirma em duas importantes sentenças: “quando fui chegando perto do Aterro e avistei as suas casas, uma grande vontade de voltar me puxava para trás e só não voltei para não dar parte de fraco” e “Riria na certa à minha custa e contaria que eu tinha amolecido no meio do caminho e seria uma morte para mim quando João Bolo, Zé do Cego e os outros soubessem.”. Isto ratifica a hipótese de que “*o homem de verdade*” precisa constantemente reafirmar-se perante a sociedade para ser considerado e validado como homem.

Mais tarde, agora no Alívio, o narrador sente-se convocado a novamente reafirmar-se como homem. Tendo conhecido todos os trabalhadores do roçado de seu pai, acabou ficando mais próximo a *Cícero Cacheado*, um homem vindo do Juazeiro do Padre Cícero e que o chamava de Doutor.

Dei-me logo a conversar com ele e ele comigo. Cada dia aparecia com uma história nova, **contando-me suas façanhas e as suas aventuras com as mulheres**. Tinha roubado moça da casa dos pais e era casado duas vezes no religioso. **Sabia de tudo que era imoralidade e me punha ao par das coisas com uma satisfação só igual ao de tio Lívio**. Progredia que era uma beleza com o meu professor de safadezas e como desse para ficar amarelo e magro me chamou à atenção:

- Isto muito demais faz a gente ficar amarelo e criar cabelo na mão.

**E acrescentou que eu agora estava no tempo e precisando era de experimentar mulher.**

- O Doutor pra que não passa nos peitos as filhas desse Damião? Estão doidas para achar um...

**E me chamava de mole. Se ele fosse eu já tinha tirado as virtudes de todas as duas.** E me ensinava como havia de fazer. Ficasse no caminho esperando e quando uma delas passasse sozinha **era só pegar ali mesmo na beira da estrada. Podia agarrar sem medo que deixavam e ninguém saberia.** Eu havia de ver. Experimentasse. (GOMES, 2007, p. 47, grifos nossos).

Por meio deste trecho podemos verificar alguns dos valores masculinos do mundo adulto que cercam o narrador. É possível constatar a diferença de idade entre Sigismundo e

---

<sup>6</sup> Referência ao grupo escolar.

Cícero não apenas pela relação de professor e aluno que é estabelecida entre os dois, mas também pelo que Cícero acrescenta: “E acrescentou que eu agora estava no tempo e precisando era de experimentar mulher”. Sobre esta relação podemos dizer que, em uma certa escala, ela é uma relação de opressão entre um mais forte (um homem) sobre um mais fraco (um menino), e que, tendo tido ou não tantas relações sexuais, aquele usará desta diferença de idade para gabar-se e se impor sobre o jovem, fazendo com que este sintam-se menos homem por não ter tido tantas experiências sexuais ainda. Conseqüentemente, esta ação causará no mais jovem uma pressão social tamanha, que ele sentir-se-á impelido a ir em busca desta experiência, com ou sem vontades próprias, apenas para reafirmar-se perante os seus. E foi o que aconteceu com Sigismundo:

Eu agora vivia pelos cantos, pensativo. **E a minha maior preocupação era fazer os gostos a Cícero e lhe mostrar que não era mole, como me chamava.** Quando estava só era no que pensava

Havia de possuir as filhas de Damião. Cícero veria. E me voltei de alma e corpo para as duas moças. Tudo ia muito bem e esperei uma, a mais moça, que vivia rindo, no caminho do açude e quando ela foi passando, arrastando as chinelas no pé, me atravessei na sua frente:

- Me dá uma coisa?

Fez-se de desentendida:

- O que é?

**Tomei coragem e cresci diante dela:**

- Aquilo.

- Espere aí, seu mostrado, que eu vou já contar seu experimento à madrinha Branca!...

E embora não tivesse dito nada, fora como se tivesse feito, porque tomei medo de uma vez das filhas de Damião.

**E se contasse o meu fracasso a Cícero? Diria que a culpa tinha sido minha. Essas coisas não se pedem. Era ter agarrado sem medo. Só os bestas pediam. E eu tinha bancado o besta.**

Voltei os olhos para Maria Menina, que era mais menina do que eu e tinha vergonha de mim. **Havia amolecido com a filha de Damião, era verdade, mas me aproveitaria da fraqueza de Maria para me reabilitar perante Cícero. Já estava acostumado a mandar nela** e era quando ela fosse ao mato.

Pastorei duas vezes e, num meio-dia de sol tinindo, vi Maria entrando nos marmeleiros de detrás de casa. Estava toda entretida quando me aproximei. Levantou-se desconfiada. Cheguei-me mais para perto e iludi:

- Que rasgão é esse no seu vestido?

- Onde?

- Bem aqui...

E peguei com a mão. Ela deixou e fizemos ali mesmo. E estávamos esquecidos, quando Lulu, que estava vendo tudo, aparece. Levantei-me de cabeça desconfiado e fiquei sem saber o que fazer. Maria começou a chorar e correu (GOMES, 2007, p. 48-49, grifos nossos).

Neste ambiente, podemos constatar que a mulher é apenas um meio para que o homem se afirme socialmente. Ela não tem voz e também sua vontade não deve ser levada em consideração. A respeito disto, Furtado (2010) declara:

Assim, não é exagero afirmar que para não ser rejeitado pelos seus pares que também são cabras machos, muitas vezes o homem tem que necessariamente ter um desejo sexual até certo ponto exacerbado e estar constantemente mantendo relações sexuais com mulheres para manter o seu status. Não é necessário dizer que uma indiferença à prática sexual ou pior ainda, uma demonstração de inclinação ao homossexualismo ou efeminação, poderá ser fatal ao seu processo de socialização.

Além desse aspecto estritamente sexual, a mulher também desempenha um papel importante nesse processo de socialização entre os homens. João Silvério Trevisan (1998) afirma que “no universo do macho dominante, a mulher seria a moeda de troca dentro de uma relação em que o verdadeiro parceiro é outro homem”. Como demonstraremos na nossa análise do romance José Bezerra Gomes, em muitas situações a busca de relações sexuais com mulheres é motivada pelo desejo de socialização com outros homens ou de inclusão no que poderíamos chamar “clube dos machos”. As relações sexuais que os homens mantêm com mulheres vão ser determinantes para a sua aceitação social por outros homens. Assim, podemos afirmar que o que leva o cabra macho a ter relações com mulheres não é somente a necessidade de satisfazer seu apetite sexual. Essas relações vão ser de suma importância para seus laços sociais com outros homens (FURTADO, 2010, p. 2-3).

Desta forma, é este *status* e afirmação que busca Sigismundo em sua trajetória. Semelhante a ele, o sacristão João também se encontra na narrativa em busca desta afirmação social. Muito religioso, encontrava na missa e na sacristia a felicidade que o inundava. Ficava feliz e orgulhoso ao ver as moças, as mulheres e até os homens reparam que ele estava ajudando o padre na missa. Contudo uma coisa lhe tirava esta felicidade, ser chamado de “Zé *Munheca*” pelos garotos que diziam que ele nunca tinha tido relações sexuais, e intentava “afastar aquela suspeita de sua vida de moço solteiro”. (GOMES, 2007, p. 24)

E uma noite, quando as ruas estavam bem cheias, sai da casa do padre, disposto. Passou pela primeira rua e pela segunda. Estava agora na esquina da rua do Rosário. Desceu. Depois dobrou o Beco das Almas. Avistou de longe o Aterro. **Teve vontade de voltar como de outra vez.** Ainda parou pensando: pensando se continuava ou se voltava, indeciso, o coração batendo e as orelhas pegando fogo. Daí por diante só sabe é que foi. A primeira casa que viu entrou. Tinha duas mulheres sentadas na porta, no batente. Deu boa noite e passou pelo meio. Viu que uma das mulheres por que tinha passado entrou atrás e disse que o quarto dela era o outro, o segundo.

[...]

Para fazer, então, alguma coisa, foi e apagou a lamparina. Ficou no escuro. Deitou-se de novo e agora de costas viradas para os olhos de vidro do santo:

o seu corpo frio encontrou o corpo em brasa da puta. E a presença dos olhos de vidro do santo foi se apagando e se apagou.

Levantou-se e se vestiu tremendo de alegria. Estava suado e tinha custado um tempão. **No entanto, estava alegre e a sua alegria era diferente de todas as alegrias que tinha experimentado na vida, uma alegria completa e que vinha de dentro e corria pelo corpo todo.** [...] Depois saiu para a rua. Notou que estava andando depressa. Encurtou os passos. **Queria que todos o vissem saindo do Aterro. Demoraria no andar o mais que pudesse, para que vissem bem que era ele.**

Uma alegria estranha tinha tomado conta do sacristão. Na esquina havia uma roda de rapazes parados. Todos conhecidos de vista. Não tinha, porém, intimidade com nenhum. Mesmo assim chegou para perto e interrogou-os. Se uma mulher morena e baixa daquela casa (e apontou a casa) estava doente, **pois tinha estado com ela.** Os rapazes olharam uns para os outros e o sacristão saiu andando, sem esperar pela resposta. **Pouco lhe importava que a puta com que tinha estado estivesse doente. Até gostaria que estivesse e ele ficasse também. Andaria então de pernas abertas pelas ruas de Currais Novos e todos ficariam sabendo por que era que estava doente e amarelo.**

A sua vontade era tanta que já se imaginava doente, com uma língua na virilha, caminhando coxo, apoiado numa bengala. E quando passasse na porta do Bilhar? Exibiria o mais que pudesse que estava doente, que era um homem e também fazia o que os outros faziam. E quando os conhecidos lhe perguntassem? – “Alguns mau jeito na perna, seu João?” – haveria de responder: – “Não. **São coisas da vida...**” (GOMES, 2007, 24-26, grifos nossos).

*O Sacristão seu João* era um homem feliz no que fazia e no modo de vida que levava, contudo, era a pressão de fora, de outros homens, que impedia que essa felicidade fosse plena. Os apelidos e as suposições sobre sua vida sexual lhe tiravam a paz e ele sentia que precisava experimentar o sexo, para satisfazer a sociedade em que estava inserido. Talvez, se dependesse apenas dele, seguiria na sacristia feliz, sem pensar nessas questões. Mas isso era impossível naquela sociedade patriarcal.

*Seu João* se forçou a entrar no Aterro pela pressão de outros homens, não porque de fato queria. E quando saiu, e sentiu a felicidade percorrer lhe o corpo, não era uma felicidade de prazer pela consumação do ato em si, mas porque se sentia homem perante os outros homens. Andava devagar afim de que o notassem. Perguntava a desconhecidos se sabiam da saúde da mulher com que havia estado. Queria que ela até estivesse doente para que, conseqüentemente, ele também; assim ninguém mais duvidaria dele. Deste modo, ninguém mais pensaria que ele não era *homem de verdade*, carregaria as evidentes marcas no próprio corpo, com o orgulho de quem pertence a algo.

A pressão exercida sobre *Sigismundo* e sobre *o sacristão João* é o combustível da *masculinidade tóxica*, é um dos alicerces da sociedade patriarcal. Esta pressão retira do

sujeito toda a sua individualidade e o faz querer apenas fazer parte de um todo, sem questionar o que este todo representa. Conseqüentemente, esta pressão alimenta um ciclo vicioso de atitudes que dificilmente são estancadas, pois raramente são questionadas. Aquele que ousar questionar, possivelmente, sofrerá algum dano enquanto estiver preso a esta engrenagem, que massacra e aprisiona uma sociedade. Contudo, se não houver questionamento ou oposição alguma a este comportamento, a tendência é apenas a manutenção e a perpetuação deste ciclo, como vemos acontecer em *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes.

Outrossim, por meio da estrutura da narrativa, podemos enxergar um modelo de sociedade desigual, que nos revela o arquétipo de exploração econômica que cria e institui a pobreza como potente engrenagem de uma máquina social. Embora as personagens sejam apresentadas de forma superficial, é por meio delas que podemos verificar o embrutecimento recorrente no romance, condicionado pelo espaço do sertão. O *modus operandi* daquele sistema, encerra os seus em uma vivência que se resume única e exclusivamente à própria sobrevivência.

Apartados da cultura e vivendo sem expectativas de um futuro melhor, facilmente podemos concluir que apenas a realidade imediata importa para *Os Brutos*. Com isto, testemunhamos na narrativa homens e mulheres preocupados e ocupados somente com sua subsistência, movendo, com grande esforço, a engrenagem da máquina social que rapidamente esmagará todas as suas pessoalidades e os transformarão em meras estruturas de mão-de-obra que alimentarão constantemente este processo. Esvaziados de si, eles serão, conseqüentemente, preenchidos com a brutalidade deste sistema, ecoarão repetidamente os valores pré-estabelecidos por esta sociedade sem qualquer estranhamento ou questionamento, resultando em um embrutecimento crônico. Destituído de suas características pessoais, aos Brutos só resta serem brutos e sobreviver, é isso o que lhes importa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa percebe-se a importância da cultura e literatura regional para uma melhor compreensão dos diversos Brasis que devem e são muito bem representados na ficção brasileira. A literatura de 30 combateu, se engajou política, social e religiosamente no campo da arte e da cultura, visibilizou e (re)inventou um povo esquecido, silenciado, oprimido.

José Bezerra Gomes como um desses escritores regionalistas, se preocupou em apresentar a vida do povo sertanejo, da sua região, as paixões e dificuldades, as oportunidades e a falta delas. Preocupou-se em criar uma ficção com uma face mais parecida com o Brasil que ele conheceu, sem modismos, com simplicidade e humor. Sua escrita revelou questões problemáticas do seu/nosso tempo. Ele sentiu essa urgência, necessidade e, através da sua ficção, apresentou a literatura brasileira com obras de qualidade estética e senso crítico aguçado.

Em seu livro *Os Brutos*, Gomes retrata a região do Seridó, a sua cidade natal Currais Novos, que era um polo de riquezas de algodão. O livro é composto por 24 capítulos que, embora sejam fragmentados e descontínuos, estabelecem uma sequência narrativa que não dificulta a compreensão do leitor. No final do livro, o autor termina a narrativa de modo aberto, sem o ponto final dos textos mais lineares e tradicionais.

O romance possui dois focos narrativos: é escrito, predominantemente, na primeira pessoa, com a voz de Sigismundo contando a história, mas alguns capítulos são narrados em terceira pessoa. Ao adotar este estilo, Gomes dinamiza seu texto, transmitindo uma subjetividade e proximidade com o leitor, ao mesmo tempo em que se distancia para observar e analisar os fatos, recurso pouco explorado na época.

José Bezerra Gomes ressalta a *brutalidade* dos seus personagens, como a parte em que Lívio mata Rica por ciúmes; seu Tota, um senhor ambicioso, tia Maria com seu egoísmo, a prostituição das mulheres da casa de baixo, a iniciação precoce da vida sexual do garoto Sigismundo. Ao tratar disso, reflete sobre a sociedade preconceituosa, egoísta, individualista, machista, sexista.

O tema Masculinidade tóxica evidencia uma sociedade calcada no machismo e na supervalorização de uma masculinidade que oprime outros e diferentes corpos igualmente potentes, mas que têm sua potência reduzida por uma maioria que detém o poder, a voz, os direitos. Uma masculinidade que reprime os reais desejos e vontades dos próprios corpos masculinos que não seguem as regras delimitadas, corpos sem vontade própria, que precisam

se ajustar para atender aos requisitos do que é ser homem, do que é ser *macho*, para se afirmar socialmente.

A masculinidade pode ser uma junção de características nocivas e repressivas que perpetuam machismo, dificuldade de lidar com emoções e a falsa ideia do que é ser um *homem de verdade*. É consequência das opressões sociais que são exercidas ao longo da criação e da vida adulta das pessoas do gênero masculino. Pressões essas que restringem os homens e desenvolvem características estereotipadas *masculinas* que fazem mal a todos a sua volta.

O machismo é o conjunto de pensamentos e atitudes que recusam a ideia de igualdade de direitos entre homens e mulheres. De acordo com os rótulos do machismo, quanto mais o homem se afastar do universo feminino, será *mais homem*, incluindo nisso, abrir mão dos seus sentimentos. A dificuldade imposta aos homens em expressar seus sentimentos os torna individualistas e com maior tendência a aprisionar emoções e evitar conversas mais sensíveis.

“Homem não chora”, mas o motivo do choro internalizado ainda existe. Para algum lugar esse choro vai, agoniza e permanece. Às vezes por anos, até que *força*, individualismo, romantização de ações arriscadas, picos de estresse e maior tranquilidade de se entregar a dor, encontram a tristeza, sensação de abandono e incompreensão. A masculinidade tóxica é nociva, cruel e autodestrutiva. A estrutura patriarcal é tóxica para os próprios homens e isso acaba influenciando na vida das mulheres.

A masculinidade tóxica é fruto de um conjunto de mitos que a sociedade transmite aos garotos e aos homens sobre o que significa ser um *homem de verdade*, que contém ameaças implícitas ao valor à sua identidade, caso não aja de acordo com tais expectativas. O homem sempre deve estar sob controle e jamais demonstrar tristeza, medo, ansiedade ou vulnerabilidade emocional. O homem sempre deve manter a sexualidade ativa, e todo homem cuja libido não funciona adequadamente é desprovido de valor. O homem deve agir de maneira agressiva e competitiva sempre, senão será considerado *afeminado*.

A masculinidade tóxica não se refere meramente às pressões sociais exercidas sobre os homens, mas ao modo como estes lidam com tais pressões. Há, por exemplo, homens que procuram agir de modo *hiper masculino* com o propósito de evitar quaisquer dúvidas relativas à sua masculinidade. Isso é prejudicial tanto aos homens quanto às pessoas ao seu redor. A masculinidade tóxica não é natural, é uma construção e imposição social desse sistema patriarcal.

O patriarcado é um sistema político-social que insiste em ver os homens como inerentemente dominantes e superiores em relação a tudo e a todos aqueles que são

considerados *fracos*, especialmente mulheres – e que garante aos homens o direito de dominar os *fracos* e manter tal dominância por meio de várias formas de terrorismo psicológico e de violência. Entretanto, a vontade de usar violência não está ligada à biologia, mas a um conjunto de expectativas sobre a natureza do poder em uma cultura de dominação. Meninos e rapazes são ensinados diariamente, por uma pedagogia venenosa que se apoia na dominação e violência masculina.

O patriarcado tanto cria a raiva nos meninos quanto a contém para ser explorada no futuro quando os meninos se tornam homens. Tal raiva pode ser usada para fortalecer o imperialismo, o ódio e a opressão de pessoas ao redor do globo – e é necessária para transformar os meninos em homens dispostos a viajar o mundo para lutar em guerras sem cogitar outras formas de resolver conflitos.

Traços associados à feminilidade são mais construções culturais do que imposições da natureza – são papéis sociais de gênero, a forma como a sociedade espera que uma pessoa se comporte pelo fato de pertencer a um determinado sexo. Mesmo sendo impossível equiparar a opressão sofrida por homens à sofrida pelas mulheres, os homens também são atormentados por rígidas regras comportamentais. Existe uma receita cultural de como um menino e um homem devem ser, agir, sentir e falar – e esse código de conduta que rege o comportamento masculino é combustível histórico do machismo. Com tudo isso, um modelo de masculinidade tão restrito se torna altamente frágil. Qualquer fuga deste ideal estabelecido é o suficiente para um homem ser julgado e percebemos isso ao longo da narrativa.

A trama nos mostra uma sociedade patriarcal, que inferioriza mulheres e crianças, anunciando a desigualdade pela desigualdade, fazendo com que o ciclo vicioso de opressão se estenda para as gerações futuras e, inclusive, para as próprias mulheres, como é o caso de Tia Maria. Ela sofreu opressão pela sociedade e esta foi a base para que transmitisse a mesma experiência adiante. Estabelecendo um paralelo com a privação cultural e carência educacional, a população segue repetindo os padrões comportamentais que enfraquecem e impede o crescimento de uma estrutura social baseada na igualdade e respeito ao próximo.

Seu Tota oprime Seu Doca, que por sua vez oprime D. Mocinha, por lhe julgar inferior. E repete-se o ciclo. O professor Cícero oprime Sigismundo, já oprimido pelos garotos com apelidos como “Zé Munheca”, que oprime a si mesmo e impõe uma obrigação em se provar e provar aos outros sua masculinidade através da sexualidade para ser validado. A mulher segue sendo apenas um meio para que os homens se afirmem socialmente. Sem direitos, sem vontade, sem voz, sem prazer.

O sacristão seu João, apesar de ser um homem feliz, cedeu aos julgamentos e imposições sociais e sentiu a necessidade de experienciar o sexo, não por vontade própria, mas por uma exigência da sociedade patriarcal. Entrou no Aterro pelos homens, não por si mesmo. A sua felicidade advinha da felicidade em agradar o sistema que cobrava aquela postura/atitude dele. Desta forma, tanto Sigismundo quanto o sacristão João, sem questionar o que tudo isso representa, reforçam e alimentam esse ciclo vicioso, esse padrão torturante que lhes tira a naturalidade, o desejo.

Informação e estudo são o que permitem sair de visões simplistas para a complexidade que é o indivíduo e a diversidade social. *Desconstruir*, nesse sentido, significa abrir mão dos padrões sociais que conhecemos e substituí-los por algo que comporte a diversidade social.

Ao pensar nessas questões, a pesquisa contempla a potência intrínseca que emerge em produções desta natureza e contribui para o campo de estudo da literatura potiguar, de modo a influenciar outros trabalhos com a mesma temática e/ou objeto de estudo. Contribui também para a reflexão e construção de um organismo social mais justo e igualitário em que os corpos não são tratados como inferiores, descartáveis, desprezíveis ou apenas objetos para alcançar os objetivos que fortalecem cada vez mais o sistema de hierarquia que privilegia a superioridade masculina.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 32<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997 [1928].
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012 [1923].
- ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: INL, 1971.
- ALMEIDA, José Américo de. **O boqueirão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. São Paulo: Record, 1981.
- AMADO, Jorge. **Mar Morto**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **O país do Carnaval**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- AMADO, Jorge. **São Jorge de Ilhéus**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- AMADO, Jorge. **Tieta do agreste**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- AMADO, Jorge. **Tocaia grande: a face obscura**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ANTUNES, Madalena. **Oiteiro: memórias de uma Sinhá-Moça**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BASTOS, Abguar. **Safra**. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.
- BOMBARDA, A. **Dilemas e Contradições da Autonomia Docente**. Orientador: Denis Domeneghetti Badia. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153056> Acesso em: 03 nov.2020.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia**: crítica literária. 2ª. ed. Natal: Fundação. José Augusto, 1998.

DE PAULA, RCM; DA ROCHA, FN. **Os Impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo**: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. Revista Mosaico. 2019 Jul/Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 82-88. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1835> Acesso em: 10 nov.2020.

FEITOSA, Policarpo. **Flor do sertão**. [Antônio de Souza] Natal: Typographia d' "A República", 1928.

FILHO, Hermilo Borba. **Os Caminhos da solidão**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1957.

FILHO, Hermilo Borba. **Sol das almas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

FILHO, Hermilo Borba. **Margem das lembranças**. Um Cavalheiro da Segunda Decadência - I. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

FILHO, Hermilo Borba. **A porteira do mundo**. Um Cavalheiro da Segunda Decadência - II. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

FILHO, Hermilo Borba. **O Cavalo da Noite**. Um Cavalheiro da Segunda Decadência - III. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FILHO, Hermilo Borba. **Deus no pasto**. Um Cavalheiro da Segunda Decadência - IV. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 6ª. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

FURTADO, Hélio Dias. **Cabra-macho e tough guy**: estudo comparativo da masculinidade hegemônica na literatura. Natal, RN: EDUFRRN, 2018.

FURTADO, Hélio Dias. José Bezerra Gomes e a agonia da masculinidade. In: SANTOS, Derivaldo dos; GALVÃO, Marise Adriana Mamede de; DIAS, Valdenides Cabral de Araújo. (Orgs.). **Dizeres Dísparos: ensaios de literatura e linguística**. João Pessoa: Ideia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21396> Acesso em: 15 out.2020.

GAZETA DO POVO. **Homens representam 76% dos suicidas do Brasil, revela relatório da OMS**. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/> Acesso em: 30 out.2020.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Você sabe o que é masculinidade tóxica?** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/> Acesso em 12 ago. 2019.

- GOMES, José Bezerra. **A Porta e o Vento**. Natal: Fundação José Augusto, 1944.
- GOMES, José Bezerra. **Antologia Poética**. Natal: Fundação José Augusto, 1974.
- GOMES, José Bezerra. **Os Brutos**. Natal, RN: Sebo Vermelho, 2007.
- GOMES, José Bezerra. **Por que não se casa, Doutor?** Natal: Surto, 1944.
- GOMES, José Bezerra. **Retrato de Ferreira Itajubá**. Natal: Surto, 1944.
- GOMES, José Bezerra. **Retrospectiva do Presidente Tomás de Araújo Pereira**. Natal: Clima, 1981.
- GOMES, José Bezerra. **Sinopse do Município de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.
- GOMES, José Bezerra. **Teatro de João Redondo**. Natal: Fundação José Augusto, 1944.
- GURGEL, Tarcísio. **Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2003.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- MEDEIROS, Polyana Danielle da Silva. **Literatura e direitos humanos: uma crítica social em Os Brutos de José Bezerra Gomes**. Orientador: Estevão Martins Palilot. 2015. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Ciências Humanas e Letras, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7781> Acesso em: 07 nov.2020.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP: Blumenau, SC: FURB, 2002.
- PINHEIRO, Aurélio. **Macau**. (versão pdf on-line).
- QUEIROZ, Rachel de. **Caminho de Pedra**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 82ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- QUEIROZ, Rachel. **As três Marias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Obra reunida; v. 2)
- QUEIROZ, Rachel. **Dôra, Doralina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Obra reunida; v. 2)
- QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Siciliano, 1998.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. São Paulo: Record, 2003. RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1978.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. São Paulo: Martins, 1969.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23ª. ed. São Paulo: Martins, 1969.
- REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- REGO, José Lins do. **Doidinho**. 36ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Edição especial para o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Klick, 1997.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. — Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- REGO, José Lins do. **Usina**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- REGO, José Lins. **Banguê**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- SCULOS, Bryant W. (2017) "**Who's Afraid of 'Toxic Masculinity'?**," Class, Race and Corporate Power: Vol. 5 : Iss. 3 , Article 6. Disponível em: <http://digitalcommons.fiu.edu/classracecorporatpower/vol5/iss3/6> Acesso em: 30 out.2020.
- SOUZA, Auta. *Horto*. Manuscrito. (1898).
- SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. 15ª. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- VERÍSSIMO, Erico. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VERÍSSIMO, Erico. **O incidente em Antares**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- VERÍSSIMO, Erico. **O prisioneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VERÍSSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. In: VERISSIMO, Erico. Ficção completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- VERÍSSIMO, Erico. **O senhor embaixador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VERÍSSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. Porto Alegre: Globo, 1938.